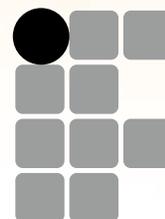




Literatura

Regiane Pinheiro Dionisio Porrua



INSTITUTO FEDERAL
PARANÁ
Educação à Distância

Curitiba-PR
2011

Presidência da República Federativa do Brasil

Ministério da Educação

Secretaria de Educação a Distância

© INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - PARANÁ -
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Este Caderno foi elaborado pelo Instituto Federal do Paraná para o Sistema Escola
Técnica Aberta do Brasil - e-Tec Brasil.

Prof. Irineu Mario Colombo
Reitor

Profª. Mara Chistina Vilas Boas
Chefe de Gabinete

Prof. Ezequiel Westphal
Pró-Reitoria de Ensino - PROENS

Prof. Gilmar José Ferreira dos Santos
Pró-Reitoria de Administração - PROAD

Prof. Paulo Tétuo Yamamoto
**Pró-Reitoria de Extensão, Pesquisa e Inovação -
PROEPI**

Profª. Neide Alves
**Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e Assuntos
Estudantis - PROGEPE**

Prof. Carlos Alberto de Ávila
**Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento
Institucional - PROPLADI**

Prof. José Carlos Ciccarino
Diretor Geral de Educação a Distância

Prof. Ricardo Herrera
**Diretor Administrativo e Financeiro de
Educação a Distância**

Profª Mécia Freire Rocha Cordeiro Machado
Diretora de Ensino de Educação a Distância

Profª Cristina Maria Ayroza
**Coordenadora Pedagógica de Educação a
Distância**

Prof. Otávio Bezerra Sampaio
Profª. Marisela Garcia Hernández
Profª. Adnilra Selma Moreira da Silva Sandeski
Prof. Elton Pacheco
Coordenadores do Curso

Izabel Regina Bastos
Patrícia Machado
Assistência Pedagógica

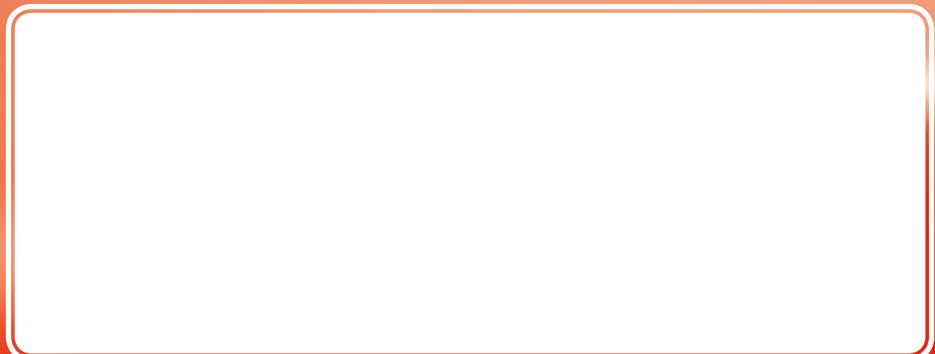
Profª Ester dos Santos Oliveira
Prof. Jaime Machado Valente dos Santos
Profª Linda Abou Rejeili de Marchi
Revisão Editorial

Profª. Rosângela de Oliveira
Análise Didática Metodológica - PROEJA

Eduardo Artigas Antoniacomi
Diagramação

e-Tec/MEC
Projeto Gráfico

**Catálogo na fonte pela Biblioteca do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia - Paraná**



Apresentação e-Tec Brasil

Prezado estudante,

Bem-vindo ao e-Tec Brasil!

Você faz parte de uma rede nacional pública de ensino, a Escola Técnica Aberta do Brasil, instituída pelo Decreto nº 6.301, de 12 de dezembro 2007, com o objetivo de democratizar o acesso ao ensino técnico público, na modalidade a distância. O programa é resultado de uma parceria entre o Ministério da Educação, por meio das Secretarias de Educação a Distância (SEED) e de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), as universidades e escolas técnicas estaduais e federais.

A educação a distância no nosso país, de dimensões continentais e grande diversidade regional e cultural, longe de distanciar, aproxima as pessoas ao garantir acesso à educação de qualidade, e promover o fortalecimento da formação de jovens moradores de regiões distantes, geograficamente ou economicamente, dos grandes centros.

O e-Tec Brasil leva os cursos técnicos a locais distantes das instituições de ensino e para a periferia das grandes cidades, incentivando os jovens a concluir o ensino médio. Os cursos são ofertados pelas instituições públicas de ensino e o atendimento ao estudante é realizado em escolas-polo integrantes das redes públicas municipais e estaduais.

O Ministério da Educação, as instituições públicas de ensino técnico, seus servidores técnicos e professores acreditam que uma educação profissional qualificada – integradora do ensino médio e educação técnica, – é capaz de promover o cidadão com capacidades para produzir, mas também com autonomia diante das diferentes dimensões da realidade: cultural, social, familiar, esportiva, política e ética.

Nós acreditamos em você!

Desejamos sucesso na sua formação profissional!

Ministério da Educação
Janeiro de 2010

Nosso contato
etecbrasil@mec.gov.br

Indicação de ícones

Os ícones são elementos gráficos utilizados para ampliar as formas de linguagem e facilitar a organização e a leitura hipertextual.



Atenção: indica pontos de maior relevância no texto.



Saiba mais: oferece novas informações que enriquecem o assunto ou “curiosidades” e notícias recentes relacionadas ao tema estudado.



Glossário: indica a definição de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.



Mídias integradas: sempre que se desejar que os estudantes desenvolvam atividades empregando diferentes mídias: vídeos, filmes, jornais, ambiente AVEA e outras.



Atividades de aprendizagem: apresenta atividades em diferentes níveis de aprendizagem para que o estudante possa realizá-las e conferir o seu domínio do tema estudado.

Sumário

Palavra do professor-autor	11
Aula 1 - Leitura	13
1.1 A leitura.....	13
1.2 Introdução aos Níveis de Leitura.....	16
Aula 2 - Níveis de Leitura	19
2.1 Retomando os Níveis de Leitura.....	19
Aula 3 - A Noção de Texto	23
3.1 A Noção de Texto.....	23
3.2 Contexto.....	24
3.3 Intertextualidade.....	25
Aula 4 - Gêneros Textuais	29
4.1 Gêneros Textuais.....	29
Aula 5 - O que é Literatura?	35
5.1 O que é literatura?.....	35
5.2 Mas, afinal, o que é literatura?.....	39
Aula 6 - A Linguagem Literária	41
6.1 A Linguagem Literária.....	41
6.2 As formas literárias: prosa e poesia.....	44
Aula 7 - Denotação e Conotação	47
7.1 Denotação e Conotação.....	47
Aula 8 - Figuras de Linguagem	51
8.1 Figuras de Linguagem.....	51
Aula 9 - Gêneros literários	57
9.1 Gêneros Literários.....	57
9.2 Gêneros Narrativos Atuais.....	59

Aula 10 - Crônica	63
10.1 O Gênero Crônica.....	63
Aula 11 - Conto	69
11.1 O Gênero Conto.....	69
Aula 12 - Novela	75
12.1 O Gênero Novela.....	75
Aula 13 - Romance	81
13.1 O Gênero Romance.....	81
13.2 Características do Romance.....	81
Aula 14 - Poema	91
14.1 O Gênero Poema.....	91
14.2 Recursos usados no gênero poema.....	91
14.3 Leituras.....	93
Aula 15 - Letra de Música	97
15.1 Letra de Música.....	97
15.2 Como ler e entender uma letra de música?.....	98
Aula 16 - Literatura de Cordel	101
16.1 Literatura de Cordel.....	101
16.2 Biografia de Leandro Gomes de Barros.....	103
16.3 Literatura de Cordel pelo Brasil.....	104
Aula 17 - Histórias em Quadrinhos	107
17.1 Histórias em Quadrinhos.....	107
17.2 A linguagem dos quadrinhos.....	110
Aula 18 - Peça Teatral	113
18.1 Peça Teatral.....	113
18.2 Caracterizando o Texto Teatral.....	116

Aula 19 - Roteiro de Cinema	119
19.1 Roteiro de Cinema.....	119
19.2 Caracterizando o Roteiro de Cinema.....	122
Aula 20 - Compreensão de Texto	125
20.1 Compreensão de Texto.....	125
20.2 Retrospectiva.....	125
20.3 Para ler e compreender.....	126
Referências	129
Atividades autoinstrutivas	133
Currículo	149

Palavra do professor-autor

Um livro sobre literatura é, sem dúvida, uma obra sobre leitura e objetiva ampliar a compreensão sobre o ato de ler. É um espaço para reflexão sobre os sentidos que as palavras assumem em diferentes contextos.

Nosso foco, neste livro, é entender as diferentes concepções para a palavra leitura, conhecer e reconhecer os gêneros textuais, compreender a literatura e as características e funções de sua linguagem, além é claro, de se deliciar com a leitura dos textos de diversos gêneros que selecionamos.

De acordo com a professora Marisa Lajolo, a literatura é “a porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação”. Nesse sentido, ao escolher o conteúdo e os textos deste livro, em nenhum momento se quis determinar o que você, estudante, deve ler, mas sim oportunizar a sua autonomia como leitor.

Então, caro aluno, pense bem antes seguir nesta leitura, pode ser um caminho sem volta.

Aula 1 - Leitura

Nesta aula e nas duas seguintes, conversaremos muito a respeito do tema da aula de hoje e, juntos, tentaremos construir sentidos para a palavra leitura. Assim, já nesta primeira unidade, vamos nos dedicar especificamente aos conceitos e aos níveis de leitura.

1.1 A leitura

Caro aluno, você alguma vez já parou para pensar sobre o conceito de leitura? Saberá dizer sobre as características dessa ação de ler? Qual a importância dela em nossas vidas?

O dicionário Houaiss define leitura como ação ou ato de ler, ato de apreender o conteúdo de um texto escrito, ato de ler em voz alta, hábito de ler, mas também como a maneira de compreender, de interpretar um texto, uma mensagem, um acontecimento.

A palavra **ler**, do latim *legere*, pode nos ajudar a compreender melhor a prática da leitura. No início, ler significava **contar, enumerar letras**; depois, passou a significar **colher** e, por último, **roubar**. Podemos relacionar esses três significados e entender o ato de ler com os estágios de aprendizagem da leitura. Então, vejamos:

O primeiro (contar e enumerar) corresponderia à alfabetização.

O segundo (colher) à interpretação de textos, momento em que se busca um sentido predeterminado, levando em conta a mensagem e o tema do texto.

O terceiro (roubar) à construção de sentidos, considerando leitura como transgressão.

Para que possamos entender melhor essas três comparações, vamos fazer a leitura do texto que segue, de Gilberto Dimenstein, e refletir sobre os sentidos atribuídos à leitura.

Pescador de Ti

Sentados à beira do rio, dois pescadores seguram suas varas à espera de um peixe. De repente, gritos de crianças trincam o silêncio. Assustam-se. Olham para frente, olham para trás. Nada. Os berros continuam e vêm de onde menos esperam.

A correnteza trazia duas crianças, pedindo socorro. Os pescadores pulam na água. Mal conseguem salvá-las com muito esforço, eles ouvem mais berros e notam mais quatro crianças debatendo-se na água. Desta vez, apenas duas são resgatadas. Aturdidos, os dois ouvem uma gritaria ainda maior. Dessa vez, oito seres vivos vindo correnteza abaixo.

Um dos pescadores vira as costas ao rio e começa a ir embora. O amigo exclama:

- Você está louco, não vai ajudar?

Sem deter o passo ele responde:

- Faça o que puder. Vou tentar descobrir quem está jogando as crianças no rio.

1. Para interpretação e reflexão sobre a história contada, vamos responder às seguintes questões:

a) Como você imaginou os pescadores citados no texto?

b) Em sua opinião, quem seriam os responsáveis por jogar as crianças no rio?

Para responder a essas questões, possivelmente você imaginou características para os pescadores e responsáveis por jogar as crianças no rio bem diferentes do que imaginou os seus colegas. Isso, porque, quando lemos um texto, passamos por uma experiência única, que nos mobiliza os saberes e nos proporciona a produção de sensações e de imagens que, dificilmente, serão criadas por outro leitor.

Você está curioso pelo final da história? Então, continuemos com leitura do texto de Gilberto Dimenstein:

Essa antiga lenda indiana retrata como nos sentimos no Brasil. Temos poucos braços para tantos afogados. Mal salvamos um, vários descem rio abaixo, numa corrente incessante de apelos e mãos estendidas. Somos obrigados a cair na água e, ao mesmo tempo, sair à procura de quem joga as crianças.

Incrível como os homens às margens do rio conseguem conviver com os berros. E até dormir sem sobressaltos. É como se não ouvissem. Se o pior cego é aquele que não quer ver, o pior surdo é aquele que não quer escutar.

Descobrimos que os responsáveis pelos afogados não estão escondidos rio acima. Estão do nosso lado - e, muitas vezes, somos nós mesmos. São os afogados morais, gente que não conhece o prazer infinito da solidariedade. Não conhece o encanto de estender poucos centímetros de braço e encostar os dedos nas estrelas.

(...)

A voz de Milton é a própria síntese do menino perdido no adulto; e do adulto perdido no menino. É a síntese de quem se viu obrigado a pular na água para pescar a si mesmo. E nunca se esqueceu e, por isso, não consegue tirar de seus ouvidos a sensação de que crianças na água pedindo socorro é a última voz de quem quase nunca tem voz.

Fonte: www.percepcoes.org.br

2. Segunda parada para reflexão:

a) Após a leitura da 2ª parte do texto de Gilberto Dimenstein, você mudou a sua interpretação sobre a 1ª parte?

b) Que imagens mudaram de sentido, a partir da leitura da outra parte do texto?

Todas as possibilidades de respostas pensadas por você e pelos seus colegas são próprias do ato de ler. Isso ocorre, porque os sentidos de um texto não são limitados às intenções do autor ou às palavras que ele escreve, mas sim à sua capacidade de produzir significados. Portanto, todo texto deve ser lido como um diálogo.

Dessa forma, a interpretação de um texto não pode ser controlada por quem o redige, ou seja, pelo seu autor. Pense que todo autor escreve seus textos imaginando um público específico. O que não significa que somente essas pessoas irão ler o texto.

Como exemplo, temos o texto, Pescador de Ti, que acabamos de ler, escrito pelo jornalista Gilberto Dimenstein especialmente para o livreto do CD ao vivo "Amigo" de Milton Nascimento.

Fonte: www.diaadia.pr.gov.br

Agora, retomemos os estágios de aprendizagem da leitura: você deve ter começado a leitura do texto Pescador de Ti, organizando as informações passadas pelo texto, em seguida, chegou à de interpretação, momento de colher os seus significados, e terminou roubando, construindo novos sentidos para esse texto.

Com a retrospectiva de sua leitura, provavelmente você tenha percebido todas as etapas pelas quais todas as pessoas passam quando se propõem a ler algum texto.

1.2 Introdução aos Níveis de Leitura

Após a aprendizagem da leitura, todas as vezes que formos ler um texto passaremos também por três momentos diferentes.

De acordo com os professores, Platão e Fiorin, existem três níveis que compõem a estrutura de um texto e que devem ser observados no momento da leitura. São eles:

- a) **Nível mais superficial:** no qual aparecem os significados mais concretos e diversificados.

- b) Nível intermediário:** no qual se definem os valores com que os diferentes leitores entram em acordo o desacordo.
- c) Nível profundo:** no qual acontecem os significados mais abstratos e mais simples.

Vamos exemplificar mais detalhadamente esses níveis de leitura na próxima aula.

Nota sobre os autores

José Luiz Fiorin: professor livre-docente do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com doutorado em Letras.

Francisco Platão Savioli: professor doutor do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professor e coordenador do Curso de Gramática, Interpretação de texto e Redação do Curso Anglo Vestibulares, em São Paulo.

Resumo

Você notou que a leitura de qualquer texto, por mais simples que pareça ser, exige a **participação efetiva do leitor** para que se construam **significados**. Por isso, existem etapas e níveis para a aprendizagem e a **prática da leitura** no nosso dia a dia. Mas a nossa troca de ideias sobre a prática da leitura só está começando. Vamos adiante?

Atividades de aprendizagem

Leia esta fábula de Monteiro Lobato:



O Galo Que Logrou a Raposa

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: "Deixa estar, seu malandro, que já te curo!..." E, em voz alta:

Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

A-Z

Matreiro:

sabido, experiente, que é esquivo, que não se deixa pegar facilmente.

Muito bem!- exclamou o galo. Não imagina como tal notícia me alegre! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldade e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorro, dona Raposa não quis saber de histórias e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

Infelizmente, amigo Co-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

Contra esperteza, esperteza e meia.

(Fiorin, José Luiz, Para entender o texto: leitura e redação, 17. ed. São Paulo, Ática, p. 35 e 36.)

Em sua opinião, quais seriam os três possíveis níveis de leitura do texto lido?

Nível superficial:

Nível intermediário:

Nível profundo:

Aula 2 - Níveis de Leitura

Nesta aula, prosseguiremos com as reflexões sobre os níveis de leitura: superficial, intermediário e profundo. Nosso objetivo é entender como se organiza a leitura nesses níveis e, a partir desse entendimento, reorganizar as leituras para que sejam mais efetivas. Também conheceremos um pouco mais sobre a história da leitura.

2.1 Retomando os Níveis de Leitura

Faremos agora, a análise dos níveis de leitura do texto “O Galo Que Logrou a Raposa” de Monteiro Lobato.

2.1.1 Nível superficial:

Na história há uma raposa que tenta convencer o galo de que não existe mais guerra entre os animais e que se declarou a paz. Mas o galo é esperto, sabe que a raposa é inimiga, e sobe em uma árvore, ficando longe das garras da mesma. Ele finge acreditar nela e, muito feliz, convida-a para esperar três cachorros para iniciarem a confraternização. A raposa, também esperta, não volta atrás no que tinha dito, menciona ter pressa e vai embora.

2.1.2 Nível intermediário:

Entre os personagens que aparecem na **fábula**, um demonstra saber sobre a guerra entre os animais (o galo), já o outro finge não saber da guerra (a raposa). Aparentemente, os dois personagens entram em acordo, mas sabemos que os dois continuam em desacordo.

2.1.3 Nível profundo:

Afirma-se a guerra, nega-se a guerra e afirma-se a paz. Isso tudo apenas no mundo do faz de conta.

Desse modo, a esperteza do galo se destaca por ter deixado a raposa pensar que ele estava acreditando nela, quando, na realidade, estava fingindo acreditar, e assim conseguiu salvar a sua vida.

Com essas informações, podemos concluir que cada leitor percorre um **caminho de leitura**, que começa pela estrutura **superficial**, passa pela **intermediária** e alcança a **estrutura profunda**.

A-Z

Fábula:

Pequena narrativa em que se aproveita a ficção alegórica para sugerir uma verdade ou reflexão de ordem moral, com intervenção de pessoas, animais e até entidades inanimadas.

Agora que você já sabe quais são os níveis de leitura para esse texto, volte à resposta dada na Atividade de Aprendizagem, e veja se estava no caminho certo.

Vamos viajar um pouco pelo tempo? Preste atenção às mudanças ocorridas na maneira de se praticar a leitura.

A-Z

Idade Média:

A maioria dos historiadores fixa a data do início da Idade Média em 476 d.C. Esse foi o ano da queda de Roma. A Idade Média terminou nos meados ou no final do séc. XV.

Subversivo:

Próprio para subverter, para solapar o estado de coisas estabelecidas: propósitos subversivos. Militante da subversão; revolucionário.

Sociedade burguesa:

Categoria social que compreende as pessoas relativamente abastadas que não exercem qualquer ofício que implique trabalho braçal. (Compreende três categorias: a alta burguesia, que dispõe dos meios de produção; a média burguesia, que compreende os que possuem uma situação de certo destaque nas camadas superiores da economia, ou que exercem profissão liberal; a pequena burguesia, que compreende as camadas médias ou inferiores da indústria e do comércio, e todos aqueles que julgam seus interesses ligados aos da alta e média burguesia.

Um pouco de história sobre a leitura

Bem antigamente, na **Idade Média**, as leituras eram organizadas por uma única pessoa, um lector. Normalmente, era um homem, o dono do livro, que lia para outras pessoas, reunidas em grupos. Isso acontecia devido ao pouco acesso aos livros, raros e indecifráveis para muitos nessa época. E essa prática não era para todos, restringia-se ao clero e à nobreza, o que já deixava claro, a necessidade de se controlar a leitura pelo seu poder **subversivo**.

A leitura se tornou popular, somente com a chegada da **sociedade burguesa**, momento em que uma parte maior da população foi alfabetizada e pôde ter acesso aos livros, jornais e outros textos. Mas, mesmo assim, o lector, continuou a reunir grupos e comunidades por meio da leitura. Por um lado, a leitura excluía alguns, por outro, unia as pessoas em um ritual que se estendeu durante muito tempo. Foi o caso dos serões domésticos aqui no Brasil, no século XIX, em que uma pessoa da família lia para as outras, principalmente, para as mulheres, que, até essa ocasião, não sabiam ler.

O costume de ler livros em grupos se alternou no tempo e no espaço com a leitura individual. A partir do final do século XVIII, as famílias da elite econômica e intelectual do Brasil, passaram a abrir espaço em suas casas para a leitura e a guardar livros, até os móveis se ajustaram a esses novos hábitos.

Assim, pouco a pouco, o hábito coletivo passou a ser individual. E foi esse ato solitário de leitura, apenas o leitor e seu livro, que permitiu o desenvolvimento moderno não só da prática da leitura como também o da escrita.

No entanto, é preciso destacar, que mesmo como um ato individual, até hoje a leitura sustenta sua característica socializante, já que leva o sujeito a interagir com ele mesmo e com os outros, porque em cada leitura ele mobiliza a biblioteca interna, isto é, os livros lidos anteriormente, conversando com o contexto de produção e circulação do texto lido

Adaptado da obra de Graça Paulino: Tipos de Textos, Modos de Leitura.

Resumo

O ato de ler solicita mais do leitor do que a simples decodificação do texto. Normalmente, a maioria dos leitores se depara com a dificuldade de unir os significados que se apresentam nos textos, por mais simples que pareçam ser. Para chegarmos à compreensão que todo texto, se bem escrito, tem harmonia e coerência, é preciso passar pelos níveis de leitura que estudamos nessa aula. Assim, partimos de uma visão mais concreta e alcançamos um olhar mais abstrato sobre o que lemos.

Nossa conversa também tratou da história da leitura. Você não achou curioso o fato de inicialmente a prática de leitura ser um ato coletivo, que somente depois de muito tempo passou a ser individual?

Atividades de aprendizagem

1. Releia o texto **Um pouco de história sobre a leitura** e destaque três informações que lhe chamaram a atenção durante a leitura.



2. E quais seriam os três possíveis níveis de leitura para esse texto?

Nível superficial:

Nível intermediário:

Nível profundo:

Aula 3 - A Noção de Texto

Nesta aula, conceituaremos a palavra leitura para entendê-la como forma de desenvolvimento do ato de ler, e aprenderemos outros conceitos que se relacionam a ela: coesão, coerência, contexto, intertextualidade.

3.1 A Noção de Texto

Já conversamos bastante sobre leitura, não é verdade? Você deve ter observado que a todo o momento utilizamos a palavra texto. O que você entende por texto? Como você definiria essa palavra?

Neste nosso percurso, destacamos que a leitura é uma prática que exige intensa participação do leitor. Porque, ao ler, aplicamos ao texto um modelo baseado nas informações que temos na memória, que podem se confirmar ou não ao término da leitura.

Um texto é um todo organizado de sentido. De acordo com essa afirmação, podemos compreender que texto é um conjunto formado de partes solidárias, isto é, que uma depende das outras.

Como é que podemos determinar que várias frases juntas formem um texto e não um amontoado de palavras sem sentido? São vários os aspectos, mas aqui trataremos de dois mais especificamente: a **coerência** e a **coesão**.

Coerência: É a harmonia de sentido, de maneira que não exista nada sem lógica, nada de contraditório, nada sem conexão nas partes do texto.

Coesão: É a ligação das frases no texto por elementos que recuperam informações já ditas e garantem a organização entre as partes.

No entanto, um texto não se limita à composição por frases. Se ele é um todo organizado de sentido, ele pode ser verbal (um poema, por exemplo), não verbal (um quadro), verbal e não verbal (charge).

Todo texto, no momento de sua produção, é feito por um sujeito em um

tempo e espaço determinados. Esse sujeito pertence a um grupo social também em um tempo e em um espaço próprios, portanto, seus textos trazem as ideias, os anseios, os temores, e a essência do seu tempo e de seu grupo social. Portanto, o sentido de um texto depende do contexto.

3.2 Contexto

É tudo aquilo que contribui ou determina a construção de sentido.

Muito bem, e o que significa realmente levar em conta o contexto no processo de leitura e produção de sentido?

Vamos a um exemplo prático. Veja o texto a seguir:



Fonte: <http://blogauladeportugues.blogspot.com>

Para a leitura e produção de sentido desse texto é preciso considerar os seguintes aspectos:

- O efeito de humor produzido pelo texto não verbal (o polo norte com características do Nordeste brasileiro) é complementado pelo texto verbal (palavra "óxente", variação linguística também dessa região do país).
- O gênero textual charge e a sua funcionalidade (a charge é um gênero que se relaciona com as notícias do momento em que é produzido, sem esse referencial perde-se o sentido).
- O tema implícito no texto (aquecimento global).
- Época da publicação (ano de 2011, momento histórico em que se discute muito sobre o assunto aquecimento global).

Dessa maneira, todas essas informações constituem o contexto para a compreensão da charge.

3.3 Intertextualidade

Leia os trechos que seguem:

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
(Dias, Gonçalves, *Canção do Exílio*)

(Fonte: www.estudandolettras.org)

Minha terra tem traíra
E também a curimatã
Tem laranjeira
E também a jaçanã
Minha terra tem jurema
E também a faveleira
Tem o pé de xiquexique
E também a catingueira.
(França, Railton Xavier de, *Meu lugar para além das palmeiras*)

(Fonte: Revista Na Ponta do Lápis – ano V – nº 11)

Como você pôde perceber, os dois textos são semelhantes. O de Gonçalves Dias é anterior ao de Railton França. O que acontece é que o último menciona o primeiro. É normal que um texto retome passagens de outros.

Se a citação for usada em um texto científico, isso deve ocorrer de maneira explícita. O texto citado aparecerá entre aspas e em nota constará o nome do autor e do livro e de onde retirou o trecho mencionado.

Em textos literários, como já exemplificamos, a citação é implícita. O autor do texto não indica o autor nem a obra de onde extraiu as passagens referenciadas, porque parte do pressuposto que o leitor divida com ele os mesmos conhecimentos a respeito dos textos que constituem o seu universo cultural.

A-Z

Curimatã:

Designação comum aos peixes teleosteos, caraciforme da família dos curimatídeos, espécie do gênero *Prochilodus*, com ampla distribuição nos rios brasileiros.

Jaçanã:

Serpente com cerca de 1 m de comprimento, corpo achatado, pardo anegrado com faixas transversais brancas e cauda bastante curta.

Jurema:

Árvore nativa do Brasil (PA ao RJ), de caule tortuoso.

Faveleira: arbusto ou árvore que ocorre no Brasil (N.E e S.E), de ramos lenhosos.

Faveleira:

Arbusto ou árvore que ocorre no Brasil (N.E e S.E), de ramos lenhosos.

Xiquexique:

Designação comum a vários subarbustos ou ervas lenhosas.

Catingueira:

Árvore de folhas bipenadas e flores amarelas, nativa do Brasil (PI a AL) e cultivada pela casca, de que se extrai tintura amarela.

Muitas vezes, os dados referentes a textos literários, mitológicos, históricos são essenciais para se poder compreender um texto.

Intertextualidade, portanto, é o nome que damos à citação de um texto por outro. Podemos entender a intertextualidade como um diálogo, uma conversa entre os textos.

E então, você costuma fazer intertexto, ou seja, costuma relacionar um texto que está lendo com outros que já havia lido?

Resumo

Para a **compreensão adequada** de um texto, necessitamos de um **contexto**. Nesse contexto, há a **intertextualidade** que pode ampliar ou complementar os **significados**. Como anda a sua noção de texto depois de tudo o que discutimos até aqui? Se estiver um tanto quanto abstrata ainda, fique tranquilo, pois nossas conversas sobre texto vão continuar.



Atividades de aprendizagem

Um dos conteúdos que trabalhamos a pouco foi a intertextualidade. Para que pudéssemos construir o conceito dessa palavra, fizemos a leitura de um trecho do poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias e de uma releitura desse texto feita por Railton Xavier de França, de Jucurutu no Rio Grande do Norte, que foi publicada na Revista Na Ponta do Lápis.

Você sabia que esse poema de Gonçalves Dias é um dos textos poéticos mais usados em citações e releituras (intertexto) em Língua Portuguesa? Saiba que até no nosso hino nacional há uma estrofe que faz referência a ele. Veja:

“Do que a terra, mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida no teu seio mais amores.”

(Fonte: www.planalto.gov.br)

Aula 4 - Gêneros Textuais

O objetivo desta aula é compreender o que são os gêneros textuais. Para isso, analisaremos gêneros textuais de esferas de circulação sociais diferentes e identificaremos suas características estruturais, composição e linguagem.

4.1 Gêneros Textuais

Segundo Marcuschi, “os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos” estabelecidos por uma organização funcional, com enunciado e estilo concretamente realizados na integração entre história, sociedade, instituição e técnica. Muito bem, será que podemos traduzir toda essa afirmação para que possamos entender realmente o que são gêneros textuais?

Para que você possa começar a construir o conceito de gênero textual, faça a leitura dos textos a seguir:

Texto 1

Economia

Novas regras para carteira

Publicação: 26 de janeiro de 2011, às 00:00

A ministra da Pesca e Aquicultura, Ideli Salvatti, anunciou ontem as novas regras para o cadastramento dos pescadores artesanais no Registro Geral da Pesca (RGP), sistema usado para concessão das carteiras de pescador profissional. As exigências foram discutidas num grupo de trabalho formado por membros do Conselho Nacional de Aquicultura e Pesca (Conape), que representam oito entidades do setor e técnicos do MPA. O objetivo é aperfeiçoar o controle do MPA sobre esses registros e atender às exigências definidas no Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador (Codefat).

Com as mudanças a renovação da carteira de pescador que era feita a cada três anos, passa agora a ser feita a cada dois anos. “O direito ao

seguro, no entanto, depende ainda de uma série de exigências de órgãos como o Ministério do Trabalho e Emprego”, lembrou a ministra.

A comprovação da produção por meio da nota de venda de pescado – que pode ser nota fiscal ou recibo – é mais um dos pré-requisitos para renovação do documento. Essas notas serão exigidas de pessoas jurídicas. Já o pescador que comercializar sua produção exclusivamente no varejo deverá apresentar a contribuição previdenciária. Também será necessária uma declaração do interessado de que não possui vínculo empregatício em outra atividade profissional.

(...)

A Ministra da Pesca e Aquicultura destacou, durante o ato, a importância da carteira do pescador para o setor. “Equivale à carteira profissional, o documento que comprova a atividade desenvolvida por milhares de brasileiros, portanto ela é o documento da cidadania”, explicou Ideli Salvatti.

Fonte: www.tribunadonorte.com.br

Texto 2

Espetinhos de peixe

40 min.

Autor: Cliqueagosto

Ingredientes

- 2 colheres de sopa manteiga
- 2 colheres de sopa suco de limão
- 1 colher de chá mostarda em pó
- 1 dente de alho bem picado
- 700 g merluza ou pintado cortados em cubos
- Pimentão vermelho

Modo de preparo

1. Derreta a manteiga e misture-a com o suco de limão, a mostarda em pó e o alho.
2. Corte o peixe em cubos de aproximadamente 2,5 cm, atravesse-os com espetos, entremeando pedaços de pimentão vermelho. Passe neles a manteiga misturada com limão e grelhe, pincelando-os várias vezes e virando-os.

(Fonte: cliqueagosto.pop.com.br)

Texto 3

Pescaria (Cecília Meireles)

Cesto de peixes no chão.
Cheio de peixes, o mar.
Cheiro de peixe pelo ar.
E peixes no chão
Chora a espuma pela areia,
na maré cheia.
As mãos do mar vêm e vão,
as mãos do mar pela areia
onde os peixes estão.
As mãos do mar vêm e vão,
em vão.
Não chegarão
aos peixes do chão.
Por isso chora, na areia,
a espuma da maré cheia.

(Fonte: <http://zezepina.utopia.com.br>)

1. Releia o texto 1. Provavelmente, você já deve ter lido ou ouvido outros textos parecidos com esse.

a) Que nome se dá a esse tipo de texto?

b) Qual a finalidade, para que serve esse tipo de texto?

c) Onde textos com essas características costumam ser veiculados, isto é, publicados ou transmitidos verbalmente?

2. Entre os textos, há um escrito em linguagem poética, que desperta emoção, composto em versos.

a) Qual é esse texto?

b) Qual o assunto tratado nesse texto?

3. Relacione os textos lidos com estas afirmações:

() Instrui uma pessoa a fazer um prato culinário.

() Relata um fato real.

() Evoca a sensibilidade de quem lê.

4. Para finalizar, indique o nome que normalmente se dá para os textos lidos:

a) Texto 1: _____

b) Texto 2: _____

c) Texto 3: _____

Ao fazer a leitura e responder às questões anteriores, você deve ter percebido que os três textos analisados foram escritos em situações diferentes e que cada um deles tem uma finalidade própria.

Para cada texto que é produzido há uma especificidade. Se quisermos relatar um fato real, que envolva pessoas e tenha acontecido em determinado tempo e lugar, produzimos uma notícia. E se quisermos instruir alguém quanto à preparação de um prato culinário, que mostre o passo a passo, e como conseguir um bom resultado, o melhor é redigir uma receita. E se a intenção for mais voltada à emoção, se o desejo for sensibilizar, o mais adequado é escrever um poema.

Nesse contexto, quando nos comunicamos com as pessoas utilizando linguagem, seja oral ou escrita, sempre produzimos certos tipos de textos que se repetem quanto ao conteúdo, ao tipo de linguagem e à composição, constituindo, assim, o que chamamos de **gêneros textuais**.

Quando interagimos, pela escrita ou oralidade, a escolha do gênero textual é elaborada com base nos diferentes elementos que delas participam, como: quem faz o texto, para quem se faz, com que finalidade, onde será veiculado, o momento histórico da produção, etc.

Os gêneros textuais geralmente são produzidos e relacionados a esferas de circulação, ou seja, aos lugares em que são feitos e veiculados.

Veja no quadro a seguir alguns exemplos de gêneros agrupados por esferas de circulação.

Esferas de circulação	Gêneros textuais	
Cotidiana	Bilhetes Cartão Causos	Fotos Músicas Piadas
Artística/Literária	Contos Histórias em Quadrinhos Literatura de Cordel Letras de Músicas Poemas Romances	
Escolar	Cartazes Debate Regrado Diálogo/Discussão	Relatório Resumo Seminário
Midiática	E-mail Entrevista Filmes	Telenovelas Torpedos Vídeo Clip

Tabela adaptada do texto das Orientações Curriculares do Paraná de Língua Portuguesa

Fonte: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br

Resumo

Os textos são produzidos em **situações** e **contextos** diferentes e cada um possui um **fim específico**. No cotidiano, quando interagimos com as outras pessoas através da linguagem oral ou escrita, sempre elaboramos certos tipos de textos que, apesar de às vezes sofrerem algumas variações, acabam se repetindo no **conteúdo**, na **linguagem usada** e na **composição**. Esses textos são os gêneros textuais.

Aula 5 - O que é Literatura?

O foco da aula de hoje é que você saiba distinguir não apenas um texto literário de um não literário, mas que saiba também definir literatura e entender a finalidade da arte literária.

“O que os exames vestibulares tentam fazer é transformar a literatura em informações que podem ser armazenadas na cabeça. Mas o lugar da literatura não é a cabeça: é o coração. A literatura é feita com as palavras que desejam morar no corpo.” (Rubem Alves)

Fonte: www.rubemalves.com.br

Diante das palavras de Rubem Alves, paremos para imaginar o que seria a literatura.

5.1 O que é literatura?

Na aula anterior estudamos as diversidades de gêneros textuais, e perceberemos que para cada **contexto de produção de texto**, existe um gênero textual com características específicas que atenda tal situação. Nesta aula, iniciamos com outro questionamento: o que é literatura?

Possivelmente você tenha tentado, pelo menos mentalmente, responder a essa pergunta. E quais foram as repostas? Destaque abaixo sua opinião, seu entendimento sobre literatura.

A seguir, você vai ler três textos:

Texto 1

Com atraso, Ceste esclarece o resultado da mortandade dos peixes em UH Estreito (TO). O incidente ocorreu no mês de março e 35 toneladas de peixes foram encontrados mortos na região.

Por: Ricardo Giacommini Foto/Ilustração: Jornal O Girassol Publicado em: 05/2011



Após atraso em relatório divulgado esta semana, uma equipe de especialistas em ictiofauna e consultores em engenharia do Consórcio Estreito de Energia Elétrica (Ceste) esclareceu a mortandade dos peixes. A causa teve relação direta com os testes de comissionamento da Unidade Geradora 1 (é a 1ª fase de implantação das turbinas que geram energia), em março deste ano.

No incidente foram encontrados cerca de 35 toneladas de peixes mortos. Após passar o caso para o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (Ibama) os testes na UHE foram paralisados.

O gerente de Meio Ambiente do Ceste, Sérgio Larizzatti, explica o compromisso do Consórcio Estreito Energia com o meio ambiente. "Não temos medido esforços para cumprir não só com as nossas obrigações, mas também com os acordos voluntários que assumimos com esta região."

"E tomamos todas as medidas para evitar que situação semelhante volte a ocorrer", assegura Larizzatti.

"É importante destacar que sempre compartilhamos com o Ibama as nossas ações e reiteramos o nosso compromisso com a conservação do meio ambiente. Estamos realizando um monitoramento constante da qualidade da água do rio Tocantins e também da conservação e proteção da sua ictiofauna".

Entramos em contato com Luciana Galvão, assessora de comunicação da UHE de Estreito. "No total serão implantadas 8 turbinas para a UHE de Estreito (TO), cada uma com intervalos de três meses até a sua finalização", explica.

Fonte: <http://revistapescaecompanhia.uol.com.br>

Texto 2

A PESCA

(Affonso Romano de Sant'Anna)

O anil
o anzol
o azul

a garganta
a âncora
o peixe

o silêncio
o tempo
o peixe

a boca
o arranco
o rasgão

a agulha
vertical
mergulha

aberta a água
aberta a chaga
aberto o anzol

a água
a linha
a espuma

aquelíneo
agil-claro
estabanado

o tempo
o peixe
o silêncio

o peixe
a areia
o sol

Fonte: <http://ead1.unicamp.br>

Texto 3



Figura 5.2 - Marcos Conceição, o Marcão

Fonte: <http://www.pescaalternativa.com.br>

Marcos Conceição, mais conhecido como Marcão, é pescador há mais de 50 anos. Foi um dos pioneiros na TV e é o mais recente integrante do programa Pesca Alternativa.

Sua paixão por pesca o levou a montar o primeiro programa da TV com o tema, em 1991, chamado Pesca Brasil. O sucesso foi tão imediato que, no ano seguinte, o programa ganhou novo nome e emissora, passando para Pesca & Companhia, no SBT. A partir daí, Marcão nunca mais deixou a pesca esportiva.

Em 1993, criou a revista Pesca & Companhia anos depois, apresentou o programa Eco Pesca. Em 2005, comandou o programa Território Natural. Com um jeito autêntico, faz da pescaria uma grande diversão! O dourado é uma de suas espécies preferidas, mas ele também tem técnicas diferentes para pegar boas tilápias. É um pescador completo e dá um show na pesca com isca artificial.

Praticante antigo do “pescue e solte” é um grande incentivador. Se não está gravando, Marcão está em palestras para contar a história do esporte e ressaltar a importância de soltar o peixe para a evolução da pesca esportiva.

Fonte: www.pescaalternativa.com.

1. Assim como a música, a pintura, a escultura, a arquitetura, a dança, o cinema, a literatura tem a sua própria linguagem. Em sua opinião, qual dos textos lidos pode ser considerado literatura?

2. Ao fazer a sua escolha, você possivelmente utilizou algum critério. Tente explicar o que considerou no texto para classificá-lo como literário.
-
-

5.2 Mas, afinal, o que é literatura?

Segundo o dicionário Houaiss, literatura é uso estético da linguagem escrita, a arte literária. Desse modo, a literatura é a arte da escrita e, como qualquer outra forma de expressão artística, depende do ponto de vista de quem a aprecia. Portanto, não há um consenso sobre o que é literatura nem sobre qual o seu papel específico.

No seu sentido original, a palavra literatura significava instrução e saber relativo à arte de escrever. Dessa forma, poderíamos nos referir a qualquer texto como sendo literatura. Porém, quando olhamos de perto sabemos que há profundas diferenças em um poema, uma crônica, um romance comparados com outros textos como uma reportagem de jornal, um texto sobre mecânica ou um livro sobre medicina.

Devemos, então, diferenciar esse primeiro uso da palavra literatura, que se refere a qualquer texto escrito, e passar a entender literatura como referência ao texto que recria ficcionalmente a realidade, por conter uma linguagem com a finalidade de criar mais de um sentido para entreter e divertir o leitor e que também pode provocar reflexões sobre a vida e o mundo.

Chegamos, portanto, à definição de que literatura é a arte da palavra.

Arte? Para que serve a arte?

O escritor Ferreira Gullar diz que “arte é muitas coisas. Uma das coisas que a arte é, parece, é uma transformação simbólica do mundo. Quer dizer: o artista cria um mundo outro – mais bonito ou mais intenso ou mais significativo, ou mais ordenado – por cima da realidade imediata (...). Naturalmente, esse mundo outro que o artista cria ou inventa nasce de sua cultura, de sua experiência de vida, das ideias que ele tem na cabeça, enfim, de sua visão de mundo (...).”

(GULLAR, Ferreira. Sobre a arte. São Paulo: Avenir; Palavra e imagem, 1993. p. 105-106)

Aula 6 - A Linguagem Literária

Nesta aula, os objetivos são conhecer as principais características da linguagem literária, diferenciar textos literários dos não literários por meio das características estudadas e, ainda, reconhecer as formas de manifestação do texto literário: prosa e poesia.

6.1 A Linguagem Literária

A partir de agora vamos empregar a palavra **literatura** em referência aos livros que pelo seu **conteúdo**, **criatividade** e **originalidade** possuem aspectos únicos que os caracteriza como obras de arte literária. Nesse sentido, literatura se relaciona aos textos que contêm uma preocupação estética, que provoca prazer e conhecimento por sua forma, conteúdos e organização.

Na linguagem literária, as palavras são utilizadas de modo especial, com maior significação e expressividade. O autor não só recria a realidade, mas também atribui novos valores às palavras.

Vejam, aqui, algumas características que um texto deve apresentar para ser considerado literário.

Ficcionalidade: os fatos apresentados são ficcionais, isto é, não fazem parte da realidade. Ações como simular, fingir, criar, inventar são comuns na literatura.

Verossimilhança: característica do que é verossímil, que parece verdadeiro, dá ao leitor a impressão da verdade do que está sendo narrado.

Plurissignificação: as palavras podem ser usadas com diferentes significados. Plurissignificação quer dizer ter vários, muitos significados.

Subjetividade: diz respeito ao sujeito, ao individual, ao pessoal. Isso significa que os sentidos variam de acordo com o julgamento e os sentimentos de cada um. A subjetividade é a dimensão **conotativa** da palavra.

A-Z

Conotação:

Que representa uma ideia secundária em relação a ideia principal

Para ilustrar melhor o que acabamos de ler, vamos fazer uma análise do conto, Garoto **Linha Dura**, de Stanislaw Ponte Preta:

A-Z

Emendar:

Jogar, chutar.

Espinafrar (gíria):

Repreender com dureza.

Linha-Dura:

Autoritário.

Queimar-se:

Ficar bravo.

Reiterada:

Repetida.

GAROTO LINHA DURA

Deu-se que Pedrinho estava jogando bola no jardim e, ao emendar a bola de bico por cima do travessão, a dita foi de contra uma vidraça e despedaçou tudo. Pedrinho botou a bola debaixo do braço e sumiu até a hora do jantar, com medo de ser espinafrado pelo pai.

Quando o pai chegou, perguntou à mulher quem quebrara o vidro e a mulher disse que foi Pedrinho, mas que o menino estava com medo de ser castigado, razão pela qual ela temia que a criança não confessasse o seu crime.

O pai chamou Pedrinho e perguntou:

— Quem quebrou o vidro, meu filho?

Pedrinho balançou a cabeça e respondeu que não tinha a mínima ideia. O pai achou que o menino estava ainda sob o impacto do nervosismo e resolveu deixar para depois.

Na hora em que o jantar ia para a mesa, o pai tentou de novo:

— Pedrinho, quem foi que quebrou a vidraça, meu filho? — E, ante a negativa reiterada do filho, apelou: — Meu filhinho, pode dizer quem foi que eu prometo não castigar você.

Diante disso, Pedrinho, com a maior cara de pau, pigarreou e lascou:

— Quem quebrou foi o garoto do vizinho.

— Você tem certeza?

— Juro.

Aí o pai se queimou e disse que, acabado o jantar, os dois iriam ao vizinho esclarecer tudo. Pedrinho concordou que era a melhor solução e jantou sem dar a menor mostra de remorso. Apenas — quando o pai fez ameaça

— Pedrinho pensou um pouquinho e depois concordou.

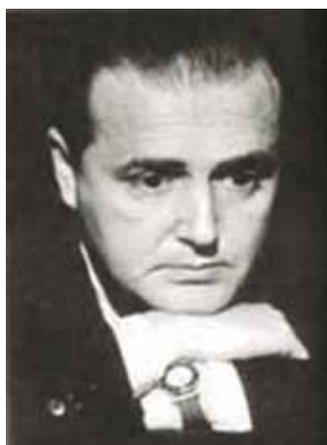
Terminado o jantar o pai pegou o filho pela mão e — já *chateadíssimo* — rumou para a casa do vizinho. Foi aí que Pedrinho provou que tinha ideias revolucionárias. Virou-se para o pai e aconselhou:

— Papai, esse menino do vizinho é um subversivo desgraçado. Não pergunte nada a ele não. Quando ele vier atender a porta, o senhor vai logo tacando a mão nele.

Fonte: <http://www.garotolinhadura.com.br>

A-Z

Subversivo:
Revolucionário, que quer modificar ou reformar algo.



Nota sobre o autor

Stanislaw Ponte Preta - Sérgio Porto,
natural do Rio de Janeiro/RJ.

Nasceu em: 11/01/1923 e Morreu em: 29/09/1968

Para saber quem foi este autor, acesse:

http://www.releituras.com/spontepreta_bio.asp



No conto, Stanislaw Ponte Preta narra uma história que poderia acontecer em qualquer lugar, pois meninos linhas-duras (espertinhos) existem por toda parte, não é verdade?

Se um texto que narra uma história que pode acontecer em qualquer lugar é literário, por que, então, não podemos considerar uma notícia de jornal literatura, já que também conta fatos do dia a dia e de qualquer lugar?

Primeiro, pela **ficcionalidade**, o texto lido recria a realidade, inventa uma história. Em seguida, pela **verossimilhança**, a história poderia ter realmente acontecido. Depois, pela **plurissignificação**, as palavras empregadas no texto tinham a intenção de causar humor e ao mesmo tempo reflexão no leitor, são exemplos: garoto linha dura, emendar, espinafrar. E por último, a **subjetividade**. Cada leitor fará sua compreensão do texto, levando em conta seus conhecimentos sobre o assunto. Portanto, o leitor que já foi ou que continua sendo, uma criança travessa, fará uma leitura bem diferente daquele leitor que é vizinho de uma criança com essa característica, ou seja, as possibilidades de leitura são individuais e múltiplas.



Você ampliará a sua compreensão sobre a crônica que acabamos de analisar, se relacioná-la com o momento histórico em que foi produzida: ano de 1964 no Brasil. Pesquise sobre o Golpe Militar de 1964.

6.2 As formas literárias: prosa e poesia

Você já havia percebido que a linguagem literária se manifesta em duas formas ou maneiras de se organizar o texto. Se não, é esse o momento.

As formas literárias de composição de texto são a **prosa** e a **poesia**.

Os textos escritos em **prosa** são organizados em parágrafos, com enunciados de sentido completo, compostos de frases, orações e período, organizados em linha. Um exemplo claro foi a crônica Garoto Linha Dura. Lembra?

Já os textos redigidos em poesia são compostos de versos, estrofes, rimas.

Veja este exemplo:

Meus oito anos

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais
Que amor, que sonhos, que flores
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
[...]

(Casimiro de Abreu)



Fagueira:
Agradável, amena.

Resumo

A literatura nos permite entrar em contato com uma **infinidade de experiências acumuladas** pelo ser humano ao longo do tempo, sem ser preciso vivê-las novamente. Para isso, é necessário dominar as **especificidades do texto literário**. Nessa aula, conhecemos algumas delas:

Ficcionalidade: a narração é criada pela imaginação do autor.

Verossimilhança: apesar de ser ficção, tem aparência de verdade.

Plurissignificação: apresenta vários sentidos.

Subjetividade: sua compreensão é individual, particular.

Também há particularidades na sua forma:

Prosa: textos construídos em parágrafos, organizados em linha.

Poesia: textos compostos de versos, estrofes, rimas.

Atividades de aprendizagem

Leia o poema de Henriqueta Lisboa:



Castigo

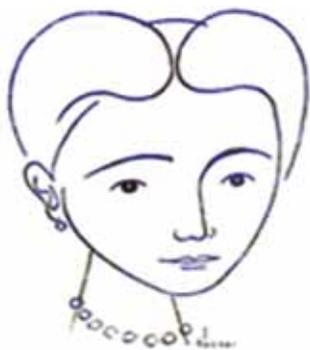
Menino fez mal feito
agora está de castigo.
Passarinho nada fez
e sempre esteve cativo.

Menino só meia hora
passarinho toda a vida.

E enquanto o menino chora
sal e lágrimas a fio,
passarinho na gaiola
modula a sua cantiga.

As lágrimas do menino
brilham e cantam, são notas
no peito do passarinho.

(Henriqueta Lisboa)



Nota sobre a autora

Henriqueta Lisboa (1901-1985), poeta mineira considerada pela crítica um dos grandes nomes da lírica modernista, dedicou-se à poesia, ensaios e traduções.

Aula 7 - Denotação e Conotação

O objetivo deste encontro é que você compreenda o conceito de denotação e conotação, perceba a função conotativa da linguagem na literatura, e entenda os sentidos conotativos e denotativos na leitura de textos literários.

7.1 Denotação e Conotação

Podemos dizer que as palavras e enunciados de qualquer língua, principalmente os literários, são usados em dois contextos de significação: o contexto **denotativo** (sentido literal) e o contexto **conotativo** (sentido figurado).

Dizemos que as palavras ou os enunciados têm valor **denotativo** quando apresentam sentido literal, do dicionário, ou seja, aquele que corresponde ao primeiro significado atribuído às palavras de uma língua. Esse sentido comum ou usual costuma aparecer em textos informativos, tanto na fala como na escrita.

E dizemos que as palavras e enunciados têm valor **conotativo** quando apresentam **sentido figurado**, determinado pela situação e pelo contexto histórico-cultural, ou seja, o sentido não é tomado literalmente, mas é ampliado e modificado pelo sujeito que usa a linguagem, com o objetivo de obter um efeito particular, somente dele.

Leia o poema de Roseana Murray que fala sobre a pessoa que é ligada a nós por laços de amizade:

Amigo

No rumo certo do vento,
amigo é nau de se chegar
em lugar azul.
Amigo é esquina
onde o tempo para
e a Terra não gira,

antes paira,
em doçura contínua.
Oceano tramando sal,
mel inventando fruta,
amigo é **estrela** sempre
no rumo certo do vento,
com todas as metáforas,
luzes, imagens
que sua condição de **estrela** contém.

Fonte: <http://www.roseanamurray.com/poemas.asp>

No poema, a autora utiliza duas vezes a palavra “**estrela**”, no décimo primeiro verso e no décimo quinto. Você deve ter notado que em cada uma dessas ocorrências a palavra estrela apresenta um sentido diferente. Na primeira, o significado de estrela é **denotativo, literal** – corpo celeste emissor de luz. Na segunda, é **conotativo, figurado** – pessoa eminente, que se destaca por sua qualidade ou importância.

Assim, a **conotação** (sentido figurado) é um recurso bastante empregado nos textos literários, porque na literatura o objetivo é produzir várias interpretações, é a plurissignificação.

Resumo

Nesta unidade, você aprendeu um pouco mais sobre a **plurissignificação** nos textos literários. Também viu que na **denotação**, as palavras possuem **significados restritos**, com o sentido comum. De modo denotativo, elas são usadas de maneira objetiva, expressando uma linguagem exata, mais precisa. Ao contrário, na **conotação** os **significados são amplos**, dados pelo contexto. Conotativamente, as palavras adquirem sentidos carregados de valores afetivos, ideológicos ou sociais, com uma linguagem expressiva e rica de sentidos.



Atividades de aprendizagem

Vamos praticar?

Escolha duas palavras das apresentadas a seguir e escreva frases com sentido **denotativo** e **conotativo**. Atenção: é hora de pôr em prática seu lado escritor, por isso use sua imaginação e mãos a obra!

cego – fogo - coração - atmosfera – vida - noite - navio - clima

Aula 8 - Figuras de Linguagem

A aula de hoje tem como objetivo apresentar as principais características das figuras de linguagem, a função de cada uma delas na produção de sentido nos textos, e mostrar a visão subjetiva de quem fala ou escreve sobre acontecimentos aparentemente comuns.

8.1 Figuras de Linguagem

Ao produzir textos literários ou não literários, cada autor possui o seu estilo, ou seja, tem sua maneira particular de utilizar a língua, que é resultado de uma intenção, de uma escolha pessoal. Para cada momento histórico e de acordo com cada cultura, há características comuns, quanto ao modo de usar a língua, explorar temas e refletir sobre os fatos e sobre o mundo. A isso, chamamos de **estilo de época**.

A maneira de pensar e o modo de viver são diferentes de uma época para outra, pois a visão que temos da realidade sofre profundas mudanças por vários motivos, políticos e sociais, por exemplo. Assim, todo texto representa um **estilo individual**, visão particular que o autor tem da realidade, e também um estilo de época, visão determinada pelo período histórico e cultural do autor.

Portanto, na produção de texto, todo autor tem o seu **estilo individual**. Mas você sabia que, para que o **estilo individual** seja **mais expressivo**, existem alguns recursos que podem ser utilizados para realçar a mensagem, principalmente no texto literário?

Esses recursos são chamados de figuras de linguagem.

São recursos utilizados por quem fala ou escreve para tornar os textos mais expressivos.

Vamos conhecer algumas figuras de linguagem?

8.1.1 Comparação e Metáfora

A comparação é uma figura de linguagem que consiste em estabelecer uma relação explícita entre o termo **comparado** e o **comparante**.

A-Z

Figuras de linguagem:

São recursos utilizados por quem fala ou escreve para tornar os textos mais expressivos.

Vejamos:

“Era elegante como um manequim de vitrine e ocupado como telefone de bicheiro. Embora mentiroso como bula de remédio, mais enganador que boletim meteorológico e vagaroso como uma obra da prefeitura, era minucioso como um vendedor de imóveis e tão perigoso quanto um pastel de botequim.”

(Max Nunes)

Perceba que o narrador compara o personagem a um *manequim*, a um *telefone de bicheiro*, a uma *bula de remédio*, um *boletim meteorológico*, uma *obra da prefeitura*, um *vendedor de imóveis* e um *pastel de botequim*, aproximando-os pela semelhança, de maneira que as características das expressões fossem atribuídas ao personagem e produzissem sentidos ao texto.

A comparação é feita sempre pelo uso de um termo comparativo expresso. São termos comparativos: **como, assim como, tal qual, semelhante, que nem etc.**

A **metáfora** consiste no uso de uma palavra ou expressão em lugar de outra, mesmo que não haja uma relação real. A semelhança será dada pela nossa compreensão sobre o assunto.

Vejamos:

A vida é um incêndio: nela
dançamos, salamandras mágicas.
Que importa restarem cinzas
se a chama foi bela e alta?

Mário Quintana

No texto, para que imaginemos a vida com as características de um incêndio, o autor utiliza uma **metáfora**. Observe que o eu lírico não compara, ele afirma. Perceba a diferença entre comparação e metáfora:

Comparação: A vida é como um incêndio.

Metáfora: A vida é um incêndio.

Comparação: Era elegante como um manequim de vitrine.

Metáfora: Era um manequim de vitrine.

Podemos dizer que toda **metáfora** é uma **comparação** implícita, em que o elemento comparativo não aparece.

8.1.2 Metonímia

Consiste em substituir uma palavra por outra, havendo entre as duas afinidade e relação de sentido, de interdependência, de proximidade.

“Aí por volta de 1910 não havia rádio nem televisão, e o **cinema** chegava ao interior do Brasil uma vez por semana, aos domingos”

Carlos Drummond de Andrade

8.1.3 Eufemismo

Atenua o que é desagradável por meio da substituição de palavras ou expressões diretas, por outras mais suaves.

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável)
Talvez eu tenha medo

Manuel Bandeira

8.1.4 Ironia

É o emprego de palavras, expressões ou períodos que querem dizer o contrário do que está sendo dito.

Ai que saudade que eu tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais...
Me sentia rejeitada,
Tão feia, desajeitada,
Tão frágil, tola, impotente,
Apesar dos laranjais. (...)

Ruth Rocha

8.1.5 Antítese

É usada quando se quer opor dois termos na mesma frase ou no mesmo parágrafo, acentuando seus contrastes.

O sonho de um céu e de um mar
E de uma vida perigosa
Trocando o amargo pelo mel
E as cinzas pelas rosas
Te faz bem tanto mal
Faz odiar tanto quanto querer

Charly Garcia

8.1.6 Hipérbole

Consiste em exagerar propositalmente as ideias ou os sentimentos.

“Quando fui para a escola pública, já tinha a noção vaga de **um universo de palavras que...**”

8.1.7 Prosopopeia ou personificação

Atribui qualidade, ação ou característica humana a seres mortos, irracionais, inanimados ou abstratos.

No coração de uma dália
Deu seu beijo um beija flor
Depois escreveu no vento:
“Todo o meu amor te dou”

Francisco Morales Santos

Resumo

Figuras de linguagem são recursos utilizados por quem fala ou escreve para tornar os textos mais **expressivos**. É uma linguagem figurada, caracterizada pela utilização de palavras com **significados diferentes do comum**, do literal.

As figuras de linguagem estudadas foram **comparação, metáfora, metonímia, eufemismo, ironia, antítese, hipérbole e prosopopeia ou personificação**.

Atividades de aprendizagem

Leia o poema e responda as perguntas:



A recordação
A recordação é uma cadeira de balanço
embalando sozinha...

Mário Quintana

- 1.** Neste poema, qual o tipo de linguagem usado: a denotativa ou a conotativa?

- 2.** No texto há algum tipo de comparação?

- 3.** Explique o sentido passado pela imagem descrita no poema.

- 4.** Que figura foi utilizada no texto: comparação, metáfora ou metonímia?

Aula 9 - Gêneros literários

O propósito da aula de hoje é que você conheça as principais características dos gêneros literários clássicos. Aprenda também a estrutura, função e especificidades de cada um deles para identificá-los durante suas leituras.

9.1 Gêneros Literários

Entre os gêneros textuais, existem os que são mais informativos e utilizados para transmitir mensagens objetivas, mas também existem outros que são próprios da esfera artística e cultural, e são utilizados com fins estéticos, artísticos: os **gêneros literários**.

Na Grécia Antiga, Platão e Aristóteles fizeram as primeiras tentativas de organização e desde então a literatura tem sido classificada por gêneros. De acordo com esses pensadores, há três gêneros literários básicos: o **lírico**, o **épico** e o **dramático**.

Vejamos as características básicas desses gêneros literários clássicos:

9.1.1 Gênero lírico

O **gênero lírico** possui como característica básica a manifestação dos sentimentos do eu lírico. É um texto subjetivo, com verbos e pronomes em 1ª pessoa e que explora a musicalidade das palavras. A palavra *lírico* é derivada de *lira* que significa instrumento musical.

Observe esses elementos no poema que segue:

Soneto do Maior Amor

Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada.

E que só fica em paz se lhe resiste
O amado coração, e que se agrada
Mais da eterna aventura em que persiste
Que de uma vida mal aventurada.

Louco amor meu, que quando toca, fere
E quando fere vibra, mas prefere
Ferir a fenecer - e vive a esmo

Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido, delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo.

Vinicius de Moraes
Fonte: www.sonetos.com.br

9.1.2 Gênero épico

O gênero épico narra ações heróicas e os grandes feitos humanos. Os textos desse gênero possuem um narrador, que quase sempre conta uma história que envolve outras pessoas. Os verbos e os pronomes quase sempre se encontram na terceira pessoa, porque a história é contada do ponto de vista do narrador, que normalmente, não participa da narração.

Os textos épicos são narrativas longas, porque contam histórias de um povo ou de uma nação. Retratam aventuras, guerras, viagens, atitudes heróicas e valorizam os heróis.

Um exemplo de epopeia, como também é chamado o texto do gênero épico, é a obra *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões. Foi publicada em 1572 e conta a história da descoberta do caminho para as Índias pelos portugueses.

O texto épico de Camões é estruturado em 1.102 estrofes, todas em oitava-rima, organizadas em 10 cantos. Cada canto narra um capítulo das obras em prosa.

Leia a estrofe que inicia o primeiro canto:

A-Z

Barões:

Homens ilustres.

Ocidental praia lusitana:

Portugal.

Taprobana:

Ilha do Ceilão, limite ocidental do mundo que era conhecido



Para ler a obra completa, acesse:
www.oslusiadas.com

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

Os Lusíadas, Luís de Camões.
Fonte: www.oslusiadas.com

9.1.3 Gênero dramático

O **gênero dramático**, diferentemente do gênero épico que ilustra as grandes conquistas humanas, expressa os desejos e anseios do homem, seu mundo, o drama humano.

Os textos desse gênero são para serem encenados, ou seja, é representada em um palco por atores que fazem o papel dos personagens.

Vejamos um trecho da obra O noviço de Martins Pena:

CENA II

Entra Florência, vestida de preto, como quem vai à festa.

FLORÊNCIA, *entrando* — Ainda despido, Sr. Ambrósio?

AMBRÓSIO — É cedo. (*Vendo o relógio:*) São nove horas, e o ofício de Ramos principia às dez e meia.

FLORÊNCIA — É preciso ir mais cedo para tomarmos lugar.

AMBRÓSIO — Para tudo há tempo. Ora dize-me, minha bela Florência...

FLORÊNCIA — O que, meu Ambrosinho?

AMBRÓSIO — O que pensa tua filha do nosso projeto?

FLORÊNCIA — O que pensa não sei eu, nem disso se me dá; quero eu — e basta. E é seu dever obedecer.

AMBRÓSIO — Assim é; estimo que tenhas caráter enérgico.

FLORÊNCIA — Energia tenho eu.

AMBRÓSIO — E atrativos, feiticeira...

FLORÊNCIA — Ai, amorzinho! (*Á parte:*) Que marido!

O noviço, Martins Pena.
Fonte: www.dominiopublico.gov.br

9.2 Gêneros Narrativos Atuais

Os gêneros narrativos atuais – a crônica, o conto, a novela, o romance, o roteiro de cinema, etc. – são parecidos ao gênero épico, já que como ele, contam uma história. Todos eles têm na sua composição os seguintes elementos básicos: narrador, enredo, personagens, tempo e espaço.

A diferença existente entre esses gêneros se apresenta na origem de cada um, no tamanho, no tempo e espaço da narrativa, no tipo de número de personagens, no número de conflitos, no desenrolar da história e onde são publicados.

Os gêneros textuais modernos serão estudados por nós nas próximas unidades.

Resumo

Gênero lírico: tipo de gênero literário apresenta como tema os sentimentos, emoções e estado da alma do artista que produz o texto.

Gênero épico: gênero que é chamado também de epopeia e caracteriza-se por apresentar como tema os fatos extraordinários, reais ou fabulosos, envolvendo acontecimentos heróicos.

Gênero dramático: tem como característica a encenação, em vez de ser contado por um narrador, deve ser representado por atores. Tem como tema os conflitos individuais humanos.



Atividades de aprendizagem

Identifique o gênero literário predominante nos seguintes textos. Depois, justifique sua resposta:

Texto 1

Há muito tempo, sim, que não te escrevo.
Ficaram velhas todas as notícias.
Eu mesmo envelheci: Olha, em relevo,
Estes sinais em mim, não das carícias
(tão leves) que fazias no meu rosto:
são golpes, são espinhos, são lembranças
da vida a teu menino, que ao sol-posto
perde a sabedoria das crianças. (...)

Carlos Drummond de Andrade

Texto 2

O CAPITALISMO MAIS REACIONÁRIO

Tragédia em um ato

Personagens: patrão/empregado

Época: atual

ATO ÚNICO

Empregado: Patrão, eu queria lhe falar seriamente. Há quarenta anos que trabalho na empresa e até hoje só cometi um erro.

Patrão: Está bem, meu filho, está bem. Mas de agora em diante tome mais cuidado.

(pano rápido).

Millôr Fernandes

Aula 10 - Crônica

Nesta aula, você conhecerá o gênero literário crônica; identificará sua composição e estrutura; aprenderá onde esse tipo de texto pode ser veiculado; refletirá e se divertirá com as histórias narradas. E ainda, saberá quais são os elementos básicos que compõem o texto narrativo.

10.1 O Gênero Crônica

“Um das funções da crônica é interferir no cotidiano”. Essa afirmação do escritor mineiro, Affonso Romano de Sant’Anna, resume o gênero literário crônica. Normalmente, a crônica aborda assuntos vivenciados pelo autor no seu dia a dia, um desses vários acontecimentos que ocupam a nossa rotina.

Com jeito de notícia de jornal, a crônica **transforma em literatura fatos do cotidiano**. Esse relato é sempre feito do **ponto de vista pessoal** e bem particular de quem a escreve, por isso ela é mais **informal**.

A crônica resulta, então, da perspectiva pessoal, subjetiva do cronista diante de um fato qualquer, retirado do noticiário do jornal ou do cotidiano. Observe:

CHATEAR E ENCHER

Um amigo meu me ensina a diferença entre “**chatear**” e “**encher**”.

Chatear é assim:

Você telefona para um escritório qualquer na cidade.

- Alô! Quer me chamar por favor o Valdemar?

- Aqui não tem nenhum Valdemar.

- Daí a alguns minutos você liga de novo:

- O Valdemar, por obséquio.

- Cavalheiro, aqui não trabalha nenhum Valdemar.

- Mas não é do número tal?

- É, mas aqui não trabalha nenhum Valdemar.

- Mais cinco minutos, você liga o mesmo número:

- Por favor, o Valdemar já chegou?

- Vê se te manca, palhaço. Já não lhe disse que o diabo desse Valdemar nunca trabalhou aqui?

- Mas ele mesmo me disse que trabalhava aí.
- Não *chateia*.
- Daí a dez minutos, liga de novo.
- Escute uma coisa! O Valdemar não deixou pelo menos um recado?
- O outro desta vez esquece a presença da datilógrafa e diz coisas impublicáveis.
- Até aqui é *chatear*. Para encher, espere passar mais dez minutos, faça nova ligação:
- Alô! Quem fala? Quem fala aqui é o Valdemar. Alguém telefonou para mim?

Paulo Mendes Campos.

Fonte: www.riototal.com.br

Nota sobre o autor

Paulo Mendes Campos:
(1922 – 1991)
um dos mais importantes
cronistas do século
XX no Brasil.



Como você percebeu a crônica quase sempre explora **o humor**, mas, muitas vezes, também fala sobre **coisas sérias** através de **conversas simples** ou, ainda, sem pretensão alguma, pode fazer poesia da coisa mais banal e insignificante. Vejamos:

NA ESCURIDÃO MISERÁVEL

Eram sete horas da noite quando entrei no carro, ali no Jardim Botânico. Senti que alguém me observava enquanto punha o motor em movimento. Voltei-me e dei com uns olhos grandes e parados como os de um bicho, a me espiar através do vidro da janela junto ao meio-fio. Eram de uma negrinha mirrada, raquítica, um fiapo de gente encostado ao poste como um animalzinho, não teria mais que uns sete anos. Inclinei-me sobre o banco, abaixando o vidro:

- O que foi, minha filha? - perguntei, naturalmente, pensando tratar-se de esmola.

- Nada não senhor - respondeu-me, a medo, um fio de voz infantil.
- O que é que você está me olhando aí?
- Nada não senhor - repetiu. - Tou esperando o ônibus...

Onde é que você mora?

- Na Praia do Pinto.
- Vou para aquele lado. Quer uma carona?

Ela vacilou, intimidada. Insisti, abrindo a porta:

- Entra aí, que eu te levo.

Acabou entrando, sentou-se na pontinha do banco, e enquanto o carro ganhava velocidade ia olhando duro para a frente, não ousava fazer o menor movimento. Tentei puxar conversa:

- Como é o seu nome?
- Teresa.
- Quantos anos você tem, Teresa?
- Dez.
- E o que estava fazendo ali, tão longe de casa?
- A casa da minha patroa é ali.
- Patroa? Que patroa?

Pela sua resposta, pude entender que trabalhava na casa de uma família no Jardim Botânico: lavava roupa, varria a casa, servia a mesa. Entrava às sete da manhã, saía às oito da noite.

Hoje saí mais cedo. Foi 'jantarado'.

- Você já jantou?
- Não. Eu almocei.
- Você não almoça todo dia?
- Quando tem comida pra levar de casa eu almoço: mamãe faz um embrulho de comida pra mim.
- E quando não tem?
- Quando não tem, não tem - e ela até parecia sorrir, me olhando pela primeira vez. Na penumbra do carro, suas feições de criança, esqueléticas, encardidas de pobreza, podiam ser as de uma velha. Eu não me continha mais de aflição, pensando nos meus filhos bem nutridos - um engasgo na garganta me afogava no que os homens experimentados chamam de sentimentalismo burguês.
- Mas não te dão comida lá? - perguntei, revoltado.
- Quando eu peço eles dão. Mas descontam no ordenado. Mamãe disse pra eu não pedir.
- E quanto é que você ganha?

Diminuí a marcha, assombrado, quase parei o carro! Ela mencionara uma importância ridícula, uma ninharia, não mais que alguns trocados.

Meu impulso era voltar, bater na porta da tal mulher e meter-lhe a mão na cara. - Como é que você foi parar na casa dessa... foi parar nessa casa? - perguntei ainda, enquanto o carro, ao fim de uma rua do Leblon, se aproximava das vielas da Praia do Pinto. Ela disparou a falar:

- Eu estava na feira com mamãe e então a madame pediu para eu carregar as compras. E aí no outro dia pediu a mamãe pra eu trabalhar na casa dela, então mamãe deixou porque mamãe não pode deixar os filhos todos sozinhos e lá em casa é sete meninos fora dois grandes que já são soldados. Pode parar que é aqui moço, obrigado.

Mal detive o carro, ela abriu a porta e saltou, saiu correndo, perdeu-se logo na escuridão miserável da Praia do Pinto...

Fernando Sabino

Fonte: <http://pessoal.educacional.com.br>

O cronista narra com sensibilidade e poesia fatos que leu no jornal ou que presenciou no seu dia a dia, para despertar a reflexão crítica no leitor sobre a sua realidade.

1. Nesta crônica que acabamos de ler, a história é apenas ficção? Ela se limita a contar os acontecimentos ou procura detalhá-los?

2. O autor da crônica “Na escuridão miserável” tinha quais objetivos: criar humor, entreter e divertir ou fazer o leitor refletir sobre a vida e a realidade humana?

A crônica é um gênero narrativo, por isso sempre apresenta os elementos básicos desse tipo de texto. São eles:

Enredo: a história em si, tudo o que é contado no texto. É dividido em conflito, clímax e desfecho.

Narrador: quem conta a história, pode ser narrador-observador, aquele que só narra, e narrador-personagem, aquele que além de narrar participa da história.

Personagens: os seres que participam da narração.

Tempo: momento em que ocorre a história.

Espaço: lugar onde se passa a história.

Ao redigir as crônicas, os autores estruturam seus textos em **primeira ou terceira** pessoa, como se estivessem contando a história para um amigo, por isso o tom é **intimista**. Colocam no texto trechos de diálogos, cheios de expressões da **linguagem informal**.

Assim, a crônica por meio de uma linguagem simples e fluída destaca a **singularidade** dos acontecimentos do dia a dia.

Resumo

Mesmo sendo literatura, o gênero literário **crônica** também apresenta **características dos textos jornalísticos**: relata o cotidiano de modo resumido e pode ser publicada em jornais.

Suas principais características: é um texto **curto** que narra de forma **artística** e **subjativa** acontecimentos noticiados em jornais ou no dia a dia. Geralmente, utiliza a **linguagem informal** e tem o objetivo de **entreter, divertir** e/ou levar o leitor a **refletir de maneira crítica sobre a vida**.

Atividades de aprendizagem

A seguir você vai ler uma crônica de Stanislaw Ponte Preta. No entanto faltam no texto duas de suas partes principais: o título e o final. Coloque-se no lugar do autor, use sua criatividade, e de acordo com a história narrada intitule e finalize a crônica com coerência.



Se você gostou de ler gênero literário crônica, busque nas bibliotecas a coleção Para Gostar de Ler, com crônicas de vários autores (Editora Ática).



Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega - tudo malandro velho - começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

- Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

- É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas às vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se *chateou*:

- Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

- Mas no saco só tem areia! - insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

- Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

- O senhor promete que não "espáia"? - quis saber a velhinha.

- Juro - respondeu o fiscal.

- É _____

Fonte: <http://pensador.uol.com.br>

Aula 11 - Conto

O gênero literário conto será o objeto de estudo desta aula. Ao final dela, você saberá as principais características deste gênero, sua finalidade, linguagem e estrutura. Você será capaz também de diferenciá-lo de outros gêneros literários narrativos. Além disso, conhecerá como é estruturado o enredo nas narrativas.

11.1 O Gênero Conto

Desde muito pequenos, sempre ouvimos e **contamos histórias**, pois essas atividades são inerentes ao ser humano, ou seja, **sempre estão presentes** em nossas vidas. Você deve concordar que é difícil resistir a uma boa história, não é? Isso acontece, porque mais que nos entreter o mundo ficcional da literatura nos dá a possibilidade de **perceber a realidade de modo diferente** e de produzir novos sentidos sobre as coisas e sobre nós mesmos.

O nome do gênero que vamos estudar nesta aula, o conto, já determina que ele esteja relacionado com a necessidade do ser humano de contar histórias. E nada melhor que conhecê-lo por meio de suas próprias palavras:

O Conto se apresenta

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me enxergar. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala dos livros que você lê.

Não fique tão surpreso assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhos amigos. Você me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, do Saci Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que eu vou fazer agora, em homenagem a você. E começo me apresentando: eu sou o Conto. Sabe o conto de fadas, o conto de mistério? Sou eu. O Conto.

Vejo que você ficou curioso. Quer saber coisas sobre mim. Por exemplo, qual a minha idade.

Devo dizer que sou muito antigo. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. Faça o seguinte: feche os olhos e imagine uma cena, uma cena que se passou há muitos milhares de anos. É de noite e uma tribo dos nossos antepassados, aqueles que viviam nas cavernas, está sentada em redor da fogueira. Eles têm medo do escuro, porque no escuro estão as feras que os ameaçam, aqueles enormes tigres, e outras mais. Então alguém olha para a lua e pergunta: por que é que às vezes a lua desaparece? Todos se voltam para um homem velho, que é uma espécie de guru para eles. Esperam que o homem dê a resposta. Mas ele não sabe o que responder. E então eu apareço. Eu, o Conto. Surjo lá da escuridão e, sem que ninguém note, falo baixinho ao ouvido do velho: — Conte uma história para eles.

E ele conta. É uma história sobre um grande tigre que anda pelo céu e que de vez em quando come a lua. E a lua some. Mas a lua não é uma coisa muito boa para comer, de modo que lá pelas tantas o grande tigre bota a lua para fora de novo. E ela aparece no céu, brilhante.

Todos escutam o conto. Todo mundo: homens, mulheres, crianças. Todos estão encantados. E felizes: antes havia um mistério: por que a lua some? Agora, aquele mistério não existe mais. Existe uma história que fala de coisas que eles conhecem: tigre, lua, comer – mas fala como essas coisas poderiam ser, não como elas são. Existe um conto. As pessoas vão lembrar esse conto por toda a vida. E quando as crianças da tribo crescerem e tiverem seus próprios filhos, vão contar a história para explicar a eles por que a lua some de vez em quando. Aquele conto.

No começo, portanto, é assim que eu existo: quando as pessoas narram histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas. Histórias que atravessam os tempos, que duram séculos. Como eu.

Aí surge a escrita. Uma grande invenção, a escrita, você concorda? Com a escrita, eu não existo mais somente como voz. Agora estou ali, naqueles sinais chamados letras, que permitem que pessoas se comuniquem, mesmo a distância. E aquelas histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas – vão aparecer em forma de palavra escrita.

E é neste momento que eu tenho uma grande ideia. Uma inspiração, vamos dizer assim. Você sabe o que é inspiração? Inspiração é aquela descoberta que a gente faz de repente, de repente tem uma ideia e muito boa. A inspiração não vem de fora, não; não é uma coisa misteriosa que entra na nossa cabeça. A boa ideia já estava dentro de nós; só que a gente não sabia. A gente tem muitas boas ideias, pode crer.

E então, com aquela boa ideia, chego perto de um homem ainda jovem. Ele não me vê. Como você não me vê. Eu me apresento, como me apresentei a você, digo-lhe que estou ali com uma missão especial – com um pedido: — Escreva uma história.

Num primeiro momento, ele fica surpreso, assim como você ficou. Na verdade, ele já havia pensado nisso, em escrever uma história. Mas tinha dúvidas: ele, escrever uma história? Como aquelas histórias que todas as pessoas contavam e que vinham de um passado? Ele, escrever uma história? E assinar seu próprio nome? Será que pode fazer isso? Dou força: — Vá em frente, cara. Escreva uma história. Você vai gostar de escrever. E as pessoas vão gostar de ler.

Então ele senta, e escreve uma história. É uma história sobre uma criança, uma história muito bonita. Ele lê o que escreveu. Nota que algumas coisas não ficaram muito bem. Então escreve de novo. E de novo. E mais uma vez. E aí, sim, ele gosta do que escreveu. Mostra para outras pessoas, para os amigos, para a namorada. Todos gostam, todos se emocionam com as histórias.

E eu vou em frente. Procuo uma moça muito delicada, muito sensível. Mesma coisa.

— Escreva uma história.

Ela escreve. E assim vão surgindo escritores. Os contos deles aparecem em jornais, em revistas, em livros.

Já não são histórias sobre deuses, sobre criaturas fantásticas. Não, são histórias sobre gente comum – porque as histórias sobre as pessoas comuns muitas vezes são mais interessantes do que histórias sobre deuses e criaturas fantásticas: até porque deuses e criaturas fantásticas podem ser inventados por qualquer pessoa. O mundo da nossa imaginação é muito grande. Mas a nossa vida, a vida de cada dia, está cheia de emoções. E onde há emoção, pode haver conto. Onde há gente que sabe usar as palavras para emocionar pessoas, para transmitir ideias, existem escritores.

Moacyr Scliar

Revista Na Ponta do Lápis – ano V – nº 12.



Nota sobre o autor

Moacyr Jaime Scliar, natural: Porto Alegre/RS

Nascimento: 23/03/1937 Morte: 27/02/2011.

"Acredito, sim, em inspiração, não como uma coisa que vem de fora, que "baixa" no escritor, mas simplesmente como o resultado de uma peculiar introspecção que permite ao escritor acessar histórias que já se encontram em embrião, no seu próprio inconsciente e que costumam aparecer sob outras formas - o sonho, por exemplo. Mas só inspiração não é suficiente".

O conto, assim com a crônica, é um **gênero literário narrativo** e apresenta os elementos básicos da narração: enredo, narrador, personagens, espaço e tempo.

Como é estruturado o enredo

O **enredo**, normalmente, segue a seguinte estrutura: **introdução, conflito, clímax e desfecho**.

Introdução: é o início da história, o momento em que o narrador apresenta o começo dos fatos, os personagens e, muitas vezes, quando e onde ocorre a narração.

Conflito: é a parte em que acontece o problema que se desenvolve na história.

Clímax: é o momento de maior tensão, ponto culminante, em que o problema apresentado atinge seu momento máximo.

Desfecho: é a solução do conflito, que pode surpreender o leitor de modo trágico ou cômico e corresponde ao final da história.

O conto também se caracteriza por ser curto, por apresentar **poucos personagens, poucas ações e tempo e espaço reduzidos**.

Diferentemente da crônica, que mostra os personagens de modo superficial, no conto eles apresentam maior **profundidade de tratamento**, destacando suas **características psicológicas mais complexas**.

Um pouco de história...

Não se sabe quando o primeiro conto foi inventado, mas com certeza foi antes da invenção da escrita. Alguns defendem que os contos egípcios, de 4.000 a.C., seriam os mais antigos de que se tem notícia. No entanto, foram os contos de *Mil e uma noites*, do século X, que tornaram popular, em todo o mundo, a arte de contar histórias curtas. Fazem parte desse livro, por exemplo, "Aladim e a lâmpada maravilhosa" e "Ali Babá e os 40 ladrões".

E somente no século XIV, os contos começaram a ser escritos. Com o passar do tempo, muitos escritores se dedicaram ao conto, fazendo com que se firmasse como gênero.

Variedade de contos

Desde as narrativas orais, contadas pelos povos antigos nas noites de luar, até as publicações escritas atuais, o conto recebeu inúmeras denominações, gerando uma variedade de tipos, difíceis de classificar. Desta maneira, livros que reúnem contos podem ser organizados por:

Nacionalidade: o conto brasileiro, o conto russo, o francês, o britânico etc.

Temas: contos maravilhosos, fantásticos, de terror, de mistério, policiais, de amor, de ficção científica.

Outras classificações: o conto tradicional, o conto moderno, o conto contemporâneo, etc.



Nesse endereço eletrônico você vai encontrar contos de vários tipos para leitura.

www.usinadeletras.com.br

Modernidade

O conto é um gênero tão versátil que se adaptou até mesmo ao **Minimalismo** e à era da internet. Como assim? Microcontos são contos muito pequenos, que podem ser encontrados na rede mundial de computadores em endereços específicos ou no twitter. Veja:

Ele era um tesouro. Ela uma joia preciosa. Eram assaltados muitas vezes.

Senir Fernandez

O jornal estampava na manchete como a economia ia bem. Debaixo dele, o mendigo que abrigava dormia, agora despreocupado.

Carlos Seabra

O músico era tão perfeccionista que naquela tarde, quando seu gato miou uma oitava acima, não hesitou em atirá-lo pela janela.

Zezé Pina

Para finalizarmos, ou melhor, nocautearmos o tema desta aula, vamos analisar a frase de Julio Cortázar?

A-Z

Minimalismo:

Teoria ou prática nas artes (p. ex., na música, na dança etc.) que utiliza os elementos mais simples e em número mais reduzido. Caráter ou qualidade dessas manifestações artísticas.



Você encontra esses e outros microcontos no endereço <http://microcontos.com.br>

"Nesse combate que se trava entre um texto apaixonante e o leitor, o romance ganha sempre por pontos, enquanto o conto deve ganhar por nocaute."

Júlio Cortázar

Resumo

São características do conto ser **narrativa ficcional curta**, apresentar **poucos personagens, poucos acontecimentos, tempo e espaço reduzidos**. Possui os elementos básicos dos textos narrativos: **enredo, narrador, personagens, tempo e espaço**.



Atividades de aprendizagem

"— Escreva uma história." Dizia o conto quando se apresentou para você. Então, agora é a sua vez, escolha um dos inícios de conto a seguir e continue a história.

O telefone pegou-a de surpresa. Atendeu com impaciência, os olhos presos a um livro que tinha nas mãos, uma história policial que não conseguia parar de ler. Era bom estar sozinha, lendo um livro de suspense numa noite de ventania. O sábado já estava quase no fim e ela ali, presa àquelas páginas. O som do telefone era uma intromissão, um estorvo. Atendeu a contragosto.

Heloísa Seixas

...DE REPENTE, Honório olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, salvo um homem que estava à porta de uma loja, e que, sem o conhecer, lhe disse rindo:

- Olhe, se não dá por ela; perdia-a de uma vez.
- É verdade, concordou Honório envergonhado.

Machado de Assis

Aula 12 - Novela

Nesta unidade abordaremos o gênero literário novela. Ao final dessa aula você estará apto a identificar a composição, a linguagem e as principais características do gênero literário novela, e diferenciá-la dos gêneros conto e romance. Conhecerá um dos melhores textos escritos pelo baiano Jorge Amado. E reconhecerá com mais detalhes as funções dos personagens nos textos narrativos.

12.1 O Gênero Novela

A morte e a morte de Quincas Berro D'água, novela de Jorge Amado, conta a história das mortes de Joaquim Soares da Cunha. Teria ele morrido de morte morrida, de morte matada ou ainda em vida quando deixou o emprego e a família para cair na farra? Somente com a leitura do texto isso se explica. Então, leia o capítulo inicial da novela *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* e tente tirar suas primeiras conclusões:

ATÉ HOJE PERMANECE CERTA CONFUSÃO em torno da morte de Quincas Berro D'água. Dúvidas por explicar, detalhes absurdos, contradições no depoimento das testemunhas, lacunas diversas. Não há clareza sobre hora, local e frase derradeira. A família, apoiada por vizinhos e conhecidos, mantém-se intransigente na versão da tranquila morte matinal, sem testemunhas, sem aparato, sem frase, acontecida quase vinte horas antes daquela outra propalada e comentada morte na agonia da noite, quando a lua se desfez sobre o mar e aconteceram mistérios na orla do cais da Bahia. Presenciada, no entanto, por testemunhas idôneas, largamente falada nas ladeiras e becos escusos, a frase final repetida de boca em boca representou, na opinião daquela gente, mais que uma simples despedida do mundo, um testemunho profético, mensagem de profundo conteúdo (como escreveria um jovem autor de nosso tempo).

Tantas testemunhas idôneas, entre as quais Mestre Manuel e Quitéria do Olho Arregalado, mulher de uma só palavra, e, apesar disso, há quem negue toda e qualquer autenticidade não só à admirada frase, mas a todos os acontecimentos daquela noite memorável, quando, em hora duvidosa e em condições discutíveis, Quincas Berro D'água mergulhou no mar da Bahia e viajou para sempre, para nunca mais voltar. Assim é o mundo,

povoado de céticos e negativistas, amarrados, como bois na canga, à ordem e à lei, aos procedimentos habituais, ao papel selado. Exibem eles, vitoriosamente, o atestado de óbito assinado pelo médico quase ao meio-dia e com esse simples papel – só porque contém letras impressas e estampilhas – tentam apagar as horas intensamente vividas por Quincas Berro D'água até sua partida, por livre e espontânea vontade, como declarou, em alto e bom som, aos amigos e outras pessoas presentes.

A família do morto – sua respeitável filha e seu formalizado genro, funcionário público de promissora carreira; tia Marocas e seu irmão mais moço, comerciante com modesto crédito num banco – afirma não passar toda a história de grossa intrujice, invenção de bêbedos inveterados, patifes à margem da lei e da sociedade, velhacos cuja paisagem deveria ser as grades da cadeia e não a liberdade das ruas, o porto da Bahia, as praias de areia branca, a noite imensa. Cometendo uma injustiça, atribuem a esses amigos de Quincas toda a responsabilidade da malfadada existência por ele vivida nos últimos anos, quando se tornara desgosto e vergonha para a família. A ponto de seu nome não ser pronunciado e seus feitos não serem comentados na presença inocente das crianças, para as quais o avô Joaquim, de saudosa memória, morrera há muito, decentemente, cercado da estima e do respeito de todos. O que nos leva a constatar ter havido uma primeira morte, senão física pelo menos moral, datada de anos antes, somando um total de três, fazendo de Quincas um recordista da morte, um campeão do falecimento, dando-nos o direito de pensar terem sido os acontecimentos posteriores – a partir do atestado de óbito até seu mergulho no mar – uma farsa montada por ele com o intuito de mais uma vez atazanar a vida dos parentes, desgostar-lhes a existência, mergulhando-os na vergonha e nas murmurações da rua. Não era ele homem de respeito e de conveniência, apesar do respeito dedicado por seus parceiros de jogo, o jogador de tão invejada sorte e o bebedor de cachaça tão longa e conversada.

Não sei se esse mistério da morte (ou das sucessivas mortes) de Quincas Berro D'água pode ser completamente decifrado. Mas eu o tentarei, como ele próprio aconselhava, pois o importante é tentar, mesmo o impossível.

Fonte: <http://veja.abril.com.br>

1. Em sua opinião, seria possível uma pessoa morrer mais de uma vez realmente ou só é possível no mundo da imaginação?

2. O texto que acabamos de ler é um dos capítulos de uma novela. Você saberia definir as características desse gênero literário?



Nota sobre o autor
Nome: Jorge Amado: Nascimento: 10/08/1912 Natural: Itabuna/BA Morte: 06/08/2001. Ao longo das décadas, os livros de Jorge Amado foram traduzidos e editados em mais de cinquenta países. Seus personagens viraram nomes de ruas, batizaram estabelecimentos comerciais e foram associados a marcas de vários produtos. O escritor foi tema de desfiles de Carnaval, frequentou rodas de capoeira, envolveu-se com questões ambientais e teve suas histórias recriadas por trovadores populares ligados à poesia de cordel.

Mesmo tendo origem única no latim, o termo novela, apresenta diferentes sentidos em línguas diferentes. No espanhol (novela) ou no inglês (novel) significa romance, enquanto que na língua portuguesa, italiana (novella), francesa (nouvelle), e alemã (novelle) os termos possuem o mesmo significado, como você verá abaixo.

A novela é o gênero **intermediário** entre o conto e o romance. Ultrapassa o conto pela descrição mais detalhada de um personagem principal e pelo aumento do tempo e do espaço em que acontece a história. Já em comparação ao romance, apresenta menor número de recursos narrativos, ou seja,

um número reduzido de acontecimentos. Assim, por exemplo, a ação desenvolve-se em ritmo rápido, concentrado, com tendência a um único desfecho.



Se você quer saber como termina essa novela, acesse o endereço: <http://veja.abril.com.br/150801/quincas.html>

Seu foco é sobre um **único personagem**. Também, chamado de protagonista, o qual transita por apenas uma ou poucas situações durante a narração.

Na leitura de “A morte e a morte de Quincas Berro D’água” de Jorge Amado, podemos perceber as características do gênero novela, pois a narração se passa em torno do personagem Quincas Berro D’água e das situações que o envolvem.

A novela também é um gênero narrativo. Nesse tipo de texto há sempre um narrador, uma pessoa que conta a história. Em algumas delas, o narrador é um dos personagens e por essa razão a história é narrada em 1ª pessoa (eu), um **narrador-personagem**.

No caso de “A morte e a morte de Quincas Berro D’água” o narrador é uma terceira pessoa, alguém de fora da história, um **narrador-observador**. Ele acompanha todos os acontecimentos de um ângulo privilegiado, somente para nos contar.

Os **personagens**, pessoas que aparecem na história, são fundamentais para o desenvolvimento do texto narrativo. Sem eles, que podem ser anônimos ou não, as histórias não teriam nenhuma lógica. Os personagens podem ser divididos pela função que desempenham na narrativa:

Principal ou protagonista: representa o papel de maior destaque.

Coadjuvante: que participa da cena com o personagem principal, a favor ou contra ele. Quando é adversário do protagonista, é conhecido como antagonista.

Secundários: aparecem apenas para atuar com o personagem principal e o coadjuvante.

Normalmente a ficção imita a realidade, mas, às vezes, ocorre o contrário. Leia com atenção a notícia que segue:

Torcida leva caixão com um morto a estádio em jogo do Campeonato Colombiano

Um grupo de torcedores fanáticos “barrabruvas” do clube colombiano Cúcuta conseguiram burlar a segurança do estádio e levaram um caixão com o corpo de um torcedor morto da equipe, que havia sido assassinado no sábado, durante uma partida do Campeonato Colombiano, de acordo com o que informou a própria polícia colombiana nesta segunda-feira.

SEGURANÇA É BURLADA NA COLÔMBIA



Corpo de torcedor que havia morrido no sábado é levado para estádio no empate do Cúcuta em 1 a 1 diante do Envigado pelo Campeonato Colombiano

“Lamentavelmente no domingo ocorreu este incidente em que uma barrabrava conseguiu burlar a segurança do estádio General Santander e entrou levando um caixão com o cadáver do jovem Christopher Jácome, de 17

anos, que foi assassinado na noite anterior”, afirmou o coronel da polícia colombiana Álvaro Pico à agência AFP.

De acordo com os policiais, os integrantes da torcida El Índio, à qual pertencia o jovem assassinado, foram à casa de Christopher Jácome no domingo, onde o corpo do rapaz estava sendo velado e, apresentando estado de embriaguez obtiveram a autorização da família para levar o torcedor morto até o estádio.

Outro fato curioso é que os torcedores também estavam proibidos de entrar no estádio e ainda assim não foram barrados pela segurança.

“Foi um verdadeiro gol que esses jovens conseguiram fazer contra as autoridades da cidade, pois não apenas entraram com um morto no estádio durante a apresentação de um evento esportivo, como os próprios integrantes dessa torcida tinham sua entrada proibida por indisciplina”, informou o coronel Pico.

Jácome foi baleado na noite de sábado por atiradores enquanto disputava uma partida informal de futebol em um parque do bairro de La Libertad, uma localidade pobre ao sul de Cúcuta (580 km ao noroeste do Bogotá)

Com o torcedor morto nas arquibancadas, o Cúcuta empatou por 1 a 1 com o Envigado pela oitava rodada do Torneio Abertura do Campeonato Colombiano.

Fonte: <http://esporte.uol.com.br>

Com características de ficção, o fato ocorrido na Colômbia lembra a novela escrita por Jorge Amado. Assim como os amigos de Quincas Berro D'água o levaram para a última bebedeira, os amigos de Christopher Jácome o levaram para o último jogo de futebol.

Resumo

Texto literário do gênero parecido com o romance, porém mais curto que este e mais desenvolvido que o conto. No entanto, o critério mais rigoroso para distinguir esse gênero dos outros dois é a **concentração temática**, reforçada por uma **estrutura repetitiva**, que foge da descrição detalhada do romance e, ao mesmo tempo, do caráter restritivo do conto.



Atividades de aprendizagem

Para compreender o gênero narrativo literário ou não, é preciso a prática da leitura. Portanto, entre no *site* www.dominipublico.gov.br, baixe a novela O Alienista, de Machado de Assis, faça a leitura e depois dê sua opinião abaixo. Somente para atizar a sua curiosidade, segue o resumo da obra:

Simão Bacamarte é o protagonista, médico conceituado em Portugal e na Espanha, decide estudar psiquiatria e inicia um estudo sobre a loucura e seus graus, para classificá-los. Foi morar na cidade de Itaguaí, onde criou a Casa Verde, um hospício, que acaba enchendo de cobaias humanas para as suas pesquisas. A partir daí, passou a internar todas as pessoas da cidade que ele julgava serem loucas: o vaidoso, o bajulador, a supersticiosa, a indecisa, etc. E então? Somente lendo a novela para saber.

Será que você já vivenciou algo parecido em sua vida? Depois da leitura, escreva aqui as suas considerações sobre o texto.

Aula 13 - Romance

Nesta aula, estudaremos o gênero literário romance. Ao final dela, você saberá as características principais desse tipo de texto, sua composição e a variedade de estilos existentes. Além de conhecer mais especificamente como se dá a organização de tempo e espaço nos gêneros narrativos.

13.1 O Gênero Romance

Entre as histórias que a nossa imaginação inventa, podemos distinguir três grandes grupos: as narrativas curtas (os contos), as narrativas médias (as novelas) e as narrativas longas (os romances).

Relacionada ao tamanho (e ao número de páginas), há outra característica importante: as narrativas curtas contam apenas um acontecimento, já as maiores apresentam muitos episódios.

Nas nossas leituras e estudos até aqui, você deve ter notado que o conto se caracteriza por conter uma única organização dramática, a novela por apresentar um personagem principal que percorre várias situações na história. Nesse sentido, são diferentes do romance, que se caracteriza por conter várias organizações dramáticas, nas quais muitos personagens são envolvidos. Por isso, o romance permite um ponto de vista geral das variadas experiências humanas.

Nossa experiência de leitura será diferente para cada gênero que estudamos: um conto, por exemplo, podemos ler numa sentada, já a novela e o romance nos exigirão mais tempo.

13.2 Características do Romance

O **romance** é um dos gêneros **mais conhecidos** da literatura. Mais longo que a novela, suas temáticas são **fatos imaginários**, muitas vezes, inspirados em histórias reais em que o foco pode estar no relato de aventuras, no estudo de costumes ou em tipos psicológicos e também na crítica social. No romance costuma haver um **paralelo de ações**, enquanto na novela há uma organização de ações que destacam o personagem principal.

Ao contrário do que se costuma imaginar, os romances narram histórias de **várias temáticas** e não apenas histórias de amor. São conteúdos e temas desenvolvidos nos romances:

Cíclico: em várias edições, contam aventuras dos mesmos personagens, de uma família ou de diversos tipos de um mesmo grupo social.

Capa de espada: aborda história de espadachins.

Cavalaria: de aventuras de cavaleiros andantes.

Costumes: sobre paixões, interesses, atitudes, comportamentos de uma época, região ou classe social.

Didático: de história ficcional para propagar um ensinamento.

Epistolar: apresenta uma ação contada por meio de correspondência trocada entre alguns personagens.

Histórico: ação que se desenvolve com personagens e episódios retirados da história.

Pessoal ou autobiográfico: constituído, em grande parte, com informações autobiográficas.

Policial: de investigação de um crime ou mistério, na maioria das vezes efetuada por um policial ou por um detetive particular.

Psicológico: que explora vários níveis da atividade mental; focaliza a profundidade e a complexidade emocional dos personagens.

Para compreender com mais detalhes o gênero romance, você vai ler agora, dois capítulos da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.



Nota sobre o autor

Machado de Assis Nascimento: 21/06/1839 Natural: Rio de Janeiro/RJ Morte: 29/09/1908. "(...) Assim são as páginas da vida, como dizia meu filho quando fazia versos, e acrescentava que as páginas vão passando umas sobre as outras, esquecidas apenas lidas."

CAPÍTULO I

Do Título

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me Dom Casmurro. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Conteí a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” – “Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” – “Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até o fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

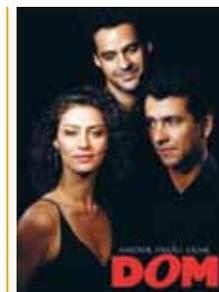
A-Z

Alcunhar:

Apelidar.

Anedota:

Narrativa breve de um fato engraçado.



Dom Casmurro no Cinema e na TV

O romance Dom Casmurro foi adaptado para o cinema e para a televisão. No cinema, foi reinventado pelo diretor Moacir Góes no filme Dom, de 2003.

Para saber mais, acesse:

<http://www.machadodeassis.unesp.br/dom.php>

E na TV, apresentado com a mistura de linguagens – teatro, ópera, cinema – na minissérie intitulada Capitu, de 2009.

Para saber mais, acesse:

<http://capitu.globo.com>

CAPÍTULO II

Do Livro

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão.

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacarina, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.

A-Z

Vexar:

Fazer ficar ou ficar envergonhado.

Alcova:

Pequeno quarto de dormir situado no interior da casa, sem passagens para o exterior.

Decênio:

Espaço de dez anos.

Chacarina:

Diminutivo de chácara, propriedade rural.

Casuarina:

Árvore ornamental.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo.

Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma História dos Subúrbios, menos seca que as memórias do Padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras...?

Fiquei tão alegre com esta idéia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo.

Fonte: www.dominiopublico.gov.br

A-Z

Tomo:

Divisão editorial de uma obra.

Pataca:

Coisa sem valor, sem importância.

Esse é com certeza um dos romances mais intrigantes entre os romances brasileiros. Narra em primeira pessoa a história de Bentinho, marido de Capitu. Ele conta os acontecimentos de sua vida, com destaque para sua relação amorosa com Capitu. No transcorrer da história, o personagem deixa a suspeita de que Capitu o havia traído com Escobar, seu melhor amigo.

O melhor desta história é justamente isso: o leitor é contaminado pelas dúvidas de Bentinho e não consegue saber se Capitu traiu ou não o marido.

Para chegar à sua própria conclusão, leia a obra completa. Para isso, você pode baixá-la no endereço: www.dominiopublico.gov.br. Depois, não deixe de escrever a sua opinião abaixo:



Mídias Integradas: Romances que você não pode deixar de ler: Senhora, de José de Alencar; Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida; Inocência, de Visconde de Taunay; Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis; São Bernardo, de Graciliano Ramos.

O romance, como você deve ter percebido é um gênero tipicamente **narrativo**, assim como a novela e o conto. Apresenta as particularidades deste tipo de texto: enredo, narrador, personagens, tempo e espaço.

Todo texto narrativo tem uma duração de **tempo**, que ocorre em um determinado momento. O tempo da narrativa pode envolver diferentes dimensões: os fatos podem ser contados de forma mais rápida, com ordem variada (cronológica ou psicológica).

E toda narração acontece em algum lugar, as ações se passam em determinado espaço.

De acordo com o enredo o narrador pode dar mais ou menos destaque ao **espaço**, dependendo dos acontecimentos da história.

Resumo

O gênero estudado nesta unidade foi o romance, texto em prosa, geralmente **longo**, que desenvolve **vários núcleos narrativos**, organizados em torno de um núcleo central. Os acontecimentos narrados se relacionam com os personagens, numa sequência de **tempo** cronológico ou psicológico em determinado **espaço**.



Atividades de aprendizagem

Leia mais este capítulo do romance Dom Casmurro:

CAPÍTULO XXXII

Olhos de Ressaca

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas, como eu. É o que contarei no outro capítulo. Neste direi somente que, passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. Fortunata, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

– Está na sala, penteando o cabelo, disse-me; vá devagarzinho para lhe pregar um susto.

Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me. Este pode ser que não fosse; era um espelhinho de pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas. Se não foi ele, foi o pé. Um ou outro, a verdade é que, apenas entrei na sala, pente, cabelos, toda ela voou pelos ares, e só lhe ouvi esta pergunta:

– Há alguma coisa?

– Não há nada, respondi; vim ver você antes que o Padre Cabral chegue para a lição. Como passou a noite?

– Eu bem. José Dias ainda não falou?

– Parece que não.

– Mas então quando fala?

– Disse-me que hoje ou amanhã pretende tocar no assunto; não vai logo de pancada, falará assim por alto e por longe, um toque. Depois, entrará em matéria. Quer primeiro ver se mamãe tem a resolução feita...

– Que tem, tem, interrompeu Capitu. E se não fosse preciso alguém para vencer já, e de todo, não se lhe falaria. Eu já nem sei se José Dias poderá influir tanto; acho que fará tudo, se sentir que você realmente não quer ser padre, mas poderá alcançar?... Ele é atendido; se, porém... É um inferno isto! Você teime com ele, Bentinho.

– Teimo; hoje mesmo ele há de falar.

– Você jura?

– Juro! Deixe ver os olhos, Capitu.

Tinham-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas.

A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve. A eternidade tem as suas pêndulas; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios. Há de dobrar o gozo aos bem-aventurados do céu conhecer a soma dos tormentos que já terão padecido no inferno os seus inimigos; assim também a quantidade das delícias que terão gozado no céu os seus desafetos aumentará as dores aos condenados do inferno. Este outro suplício escapou ao divino Dante; mas eu não estou aqui para emendar poetas. Estou para contar que, ao cabo de um tempo não marcado, agarrei-me definitivamente aos cabelos de Capitu, mas então com as mãos, e disse-lhe, – para dizer alguma coisa, – que era capaz de os pentear, se quisesse.

– Você?

– Eu mesmo.

– Vai embaraçar-me o cabelo todo, isso sim.

– Se embaraçar, você desembaraça depois.

– Vamos ver.

Fonte: www.dominiopublico.gov.br

1. De acordo com o crítico literário Antonio Cândido, o narrador de Dom Casmurro opõe fatos narrados, mesmo tempo, no passado e no presente, dando ao leitor a possibilidade de uma dupla visão. Indique no texto um trecho em que isso ocorre.

Aula 14 - Poema

Nosso objetivo nesta unidade é estudar o gênero poema, sua finalidade, o perfil dos seus interlocutores, o suporte no qual é publicado, sua estrutura e linguagem. Além disso, analisaremos poemas com temas variados.

14.1 O Gênero Poema

Alguma vez você já parou para pensar por que as pessoas escrevem ou leem poesia? Sobre qual é a função da poesia nas nossas vidas?

A poesia existe para mostrar ao leitor uma maneira diferente, inovadora de enxergar as coisas, para **surpreender**, **inspirar** e **despertar** emoção naqueles que a leem. O poeta, quando escreve a poesia, tem a intenção de **brincar**, **emocionar**, **divertir**, **convencer**, **fazer pensar** o mundo de um jeito novo.

Para conseguir chamar a atenção dos leitores, o poeta utiliza a linguagem de modo único, bem diferente da que utilizamos no dia a dia. Ao redigir um poema, ele pode explorar a sonoridade das palavras, para criar imagens a partir delas, brincar com os ritmos, e, ainda, passá-las para o papel de modo particular.

14.2 Recursos usados no gênero poema

Ao redigir um poema o poeta não utiliza somente ideias e sentimentos, mas emprega o verso, os seus recursos musicais – sonoridade e ritmo, e as palavras com sentido figurado, conotativo.

14.2.1 Verso e estrofe

Verso é cada uma das linhas de um poema, caracterizando-se por possuir certa linha melódica ou efeitos sonoros, além de apresentar unidade de sentido.

Estrofe é agrupamento de um determinado número de versos que apresentam ou não rima entre si. O número de versos pode variar de um poema para outro. Dependendo da quantidade de versos que possua, a estrofe recebe nomes específicos. Observe:

Dístico: estrofe com dois versos

Terceto: três versos

Quadra ou quarteto: quatro versos

Quintilha: cinco versos

Sexteto ou sextilha: seis versos

Sétima ou septilha: sete versos

Oitava: oito versos

Nona: nove versos

Décima: dez versos.

Veja o poema de Ulisses Tavares, por exemplo, é um dístico:

Slogan escolar

 mundo das notas gira
 e o estudante roda.

Ulisses Tavares

14.2.2 Métrica

A métrica é medida dos versos, ou seja, o número de sílabas poéticas apresentadas pelos versos.

A separação de sílabas poéticas recebe o nome de escansão. Ela não se parece com a separação de sílabas gramaticais, porque toma por base a oralidade e obedece a princípios diferentes: as vogais átonas são agrupadas na mesma sílaba, e a contagem das sílabas deve ser feita até a última sílaba tônica.

14.2.3 Ritmo

Quando ouvimos uma melodia, sabemos que ela foi elaborada seguindo determinado ritmo. Todo poema também possui seu ritmo, que é dado pela alternância de sílabas acentuadas ou não, isto é, uma apresenta maior intensidade que a outra. Mas fique atento, pois o conceito de sílaba acentuada nem sempre é o mesmo que o conceito gramatical de sílaba tônica, já que a classificação de sílaba poética se deve à sequência melódica em que se insere.

14.2.4 Rima

A rima é um recurso musical que busca a semelhança sonora de palavras no final dos versos, chamada de rima externa, e, muitas vezes, no interior dos versos, rima interna.

Versos brancos

As rimas não são obrigatórias nos poemas. Quando um poema é elaborado sem o uso de rimas, seus versos são chamados de brancos ou soltos. Veja um exemplo de poema sem rima:

Pontos de vista

Quando Nero queria ver
o mundo melhor
olhava-o através de
uma esmeralda.

Quando quero ver melhor
o mundo
eu o olho através
das palavras.

Marina Colasanti

14.3 Leituras

Em geral, os leitores do gênero poema, são pessoas que gostam de palavras, de brincar com elas, de se surpreender, se inspirar. Mas você deve estar se perguntando, todos os seres humanos não são envolvidos pelas palavras?

E a resposta é sim, porém já estudamos que existe a maneira denotativa e a conotativa de usar a linguagem. Assim, parte das pessoas usam mais de um jeito, e parte de outro. Digamos que quem escreve e quem lê poesia, costuma utilizar o modo conotativo da linguagem e guardar de forma especial as palavras. Neste sentido:

Guardar

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

[...]

Por isso, melhor se guarda o voo de um pássaro

Do que de um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

Antonio Cícero
Fonte: www.tanto.com.br

Encerrando o tema da aula de hoje, veja o texto poético de Ferreira Gullar sobre o poeta:

“O poeta, na verdade, não informa – inventa;
não instrui o leitor, confunde-o deliberadamente, para deslumbrá-lo.”

Ferreira Gullar

Texto publicado na Folha de S. Paulo, 17/8/2008. Ilustrada.

Resumo

Você estudou que **poema** é um texto em **versos**, que pode se organizar em uma ou mais **estrofes**. Esse gênero explora a **sonoridade** e o **ritmo** das palavras. Ele pode apresentar **rimas** entre palavras no final de versos ou entre palavras no interior dos versos. Normalmente, apresenta **figuras de linguagem** e palavras que se associam aos **sentidos**.

Atividades de aprendizagem

No poema que segue, de Gonçalves Dias, eliminamos de propósito o segundo verso de cada estrofe. Agora o poeta é você. Use sua criatividade e complete as estrofes, tentando, se possível, rimar, a última palavra do segundo verso com a última do primeiro.



Indagação

Em que céu de azul celeste

_____ ?

Em que ilha do pacífico

_____ ?

Em que chão contaminado

_____ ?

Em que mar de água doce

_____ ?

Em que meio, em que cidade

_____ ?

[...]

Em que tempo, em qual muro

_____ ?

Em que fruta sem semente

_____ ?

Aula 15 - Letra de Música

O foco desta aula é que você não apenas identifique as principais características do gênero letra de música, mas também saiba a finalidade, o perfil dos seus interlocutores, sua estrutura e a linguagem. E ainda, analise letras de músicas de estilos e de temas diversos.

15.1 Letra de Música

Eu só quero é ser feliz
Por isso
te dei o sol te dei o mar
só para mostrar
como é grande o meu amor por você.

O que você achou desses versos? Eles fizeram você se lembrar de algum ritmo ou melodia? Provavelmente, sim. Isso aconteceu, porque a poesia acima foi construída a partir da união de três versos de canções muito conhecidas no nosso país.

O primeiro verso “Eu só quero é ser feliz” faz parte da letra de *rap*, de mesmo nome, interpretada pelo *raperes* Cidinho e Doca. O terceiro, “te dei o sol te dei o mar” compõe a letra da música Meteoro do cantor de sertanejo universitário Luan Santana, e o quinto e último verso “como é grande o meu amor por você” é um dos versos da canção, também de mesmo nome, do rei Roberto Carlos. São trechos de letras de músicas que ouvimos pelo rádio, televisão ou Internet e que ficam em nossa memória.

A **letra de música**, linguagem verbal, somada à **melodia** e ao **ritmo**, linguagem musical, formam o gênero textual canção, geralmente chamado somente de **música**.

A **melodia** é a sequência de notas ou sons que se organizam em uma composição destinada ao canto.

O **ritmo** é a ocorrência de uma duração sonora em uma série de intervalos regulares e é formado pela alternância de sons e silêncios.

As letras de músicas são produzidas para serem cantadas, por isso são mais significativas para nossa memória quando uma voz as canta ou interpreta.

Aqui, no entanto, vamos nos deter mais especificamente na análise da parte verbal das músicas ou canções. Isso, porque nosso objetivo é perceber as possíveis leituras para esse gênero textual.

15.2 Como ler e entender uma letra de música?

Toda letra de música é composta em um determinado lugar e época. Assim, ela geralmente expõe as características desse espaço e tempo em que foi produzida.

A-Z

Variedade linguística:

Varição que toda língua apresenta, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas.

As letras de música mais antigas são diferentes das atuais, as palavras empregadas mostram sua idade e, muitas vezes, sua **variedade linguística**.

Observe os versos a seguir:

“Mas eu não acreditei
Que no Calhambeque, bi-bi
O broto quis andar
No Calhambeque
Bi Bidhu! Bidhubidhu Bidubi!...”

A-Z

Calhambeque:

Automóvel velho, maltratado, de mau aspecto. Broto: jovem, especialmente do sexo feminino, no início da adolescência.



Figura 15.1 Roberto Carlos

www.bahianoticias.com.br

O Calhambeque - Roberto Carlos

Fonte: <http://letras.terra.com.br>

A-Z

Gaiteiro:

Quem toca acordeão, sanfona é um regionalismo do Rio Grande do Sul.

Fandango:

baile popular; festa animada, com danças.

Capricha gaiteiro que o baile vai começar
O fandango tá bonito você não pode parar
Arrumei uma morena brasileira da fronteira
Que entrou no baile me convidou pra dançar

Capricha Gaiteiro – Chiquito e Bordoneio

<http://letras.terra.com.br>

Nos versos, pelo vocabulário usado, podemos identificar que os autores são de épocas e lugares específicos. As palavras “**calhambeque**” e “**broto**”, que aparecem na primeira estrofe de versos, determinam que a letra foi produzida nas décadas de 50 ou 60. E os termos “**gaiteiro**” e “**fandango**”, da segunda estrofe, informam que a letra pertence à região sul do país.

É claro que os outros gêneros textuais estudados neste livro, também apresentam essas características de adequação ao tempo e lugar de produção. No entanto, as músicas são textos tão acessíveis em nossas vidas que podemos aproveitá-las mais que outros textos para ampliar nossas leituras, porque além da variação histórica e regional, as letras de músicas também apresentam variação social e cultural, conforme o estilo.

Portanto, ao ouvirmos músicas e prestarmos atenção nas letras, temos a oportunidade de aumentarmos nossos conhecimentos sobre assuntos variados.

Mas como fazer quando não entendemos uma palavra ou expressão presente em uma letra, já que as possibilidades de temas nas músicas são infinitas?

É muito fácil, basta pesquisar no dicionário o seu significado. E se não bastar, busque informações sobre o compositor, cantor que a escreveu.

Mas lembre-se, as letras de música, sem a melodia e o ritmo, perdem parte do seu charme, de sua essência.

Resumo

A letra de música é um **texto curto**, escrito para **ser cantado**, formado pela relação entre **letra** e **música** (melodia e ritmo). Normalmente é dividida em **partes**, constituída por **versos** e organizada em **estrofes**. Seu público alvo é tão variado quanto os temas e os estilos em que pode ser produzida. É um gênero textual que pode ser veiculado nas emissoras de **rádios**, na **televisão**, na internet.

Atividades de aprendizagem

Uma boa maneira de ler e de entender letra de música é produzir suas próprias poesias a partir da união de várias delas, as que você mais gosta, obviamente. Então, selecione algumas letras de sua preferência e tente juntar trechos que sejam coerentes. Use como exemplo a poesia do início desta aula.



Aula 16 - Literatura de Cordel

O objetivo de hoje é abordar o gênero textual, conhecido como literatura de Cordel. Ao final dessa unidade você está apto a reconhecer este gênero, suas características, sua composição e estrutura e, é claro, sua importância como uma das representações da cultura popular brasileira.

16.1 Literatura de Cordel

Você já deve ter ouvido ou lido algo sobre literatura de cordel, não é verdade? Esse tipo de literatura é muito comum em algumas regiões do nosso país e costuma encantar com suas histórias em versos os seus apreciadores. Mas quais são as particularidades deste gênero de literatura?

Cordel quer dizer barbante
Ou senão mesmo cordão,
Mas cordel - literatura
É a real expressão
Como fonte de cultura
Ou melhor poesia pura
Dos poetas do sertão.

Autor: Rodolfo Coelho Cavalcante

De acordo com o dicionário Houaiss, **literatura de cordel** é o nome dado às poesias e canções populares do nordeste do Brasil, que falam de heróis reais ou inventados, acontecimentos sociais e políticos recentes ou antigos, histórias de amor, fatos do cotidiano e seres mágicos. Podem ainda, ser construídas a partir de notícias de jornal ou antigos romances em prosa.

A origem dessa literatura, provavelmente, vem do romanceiro popular português que teve início no século XIV.

Há dois tipos de textos neste gênero literário: o **repente** e a **literatura de cordel**.

O repente é a poesia improvisada e desenvolvida pelos cantadores, acompanhados de uma viola, que criam versos de improviso. Os cantadores interpretam os sentimentos populares imediatos, num estilo direto, e muitas vezes

travam um diálogo rimado com outro cantador. Esta poesia concentra-se em incidentes do momento, ressaltando, por exemplo, a personalidade de indivíduos do auditório, ora tecendo-lhes elogios, ora fazendo-lhes divertidas críticas. Os cantadores em geral manifestam habilidade para o verso, inteligência e presença de espírito. Essa poesia assumiu forma definitiva a partir do séc. XIX. Seus criadores foram Francisco Romano Caluete, o Romano da Mãe d'Água ou Romano do Teixeira, e Ugolino Nunes da Costa, o Ugolino do Sabugi, que lideraram o grupo conhecido como escola dos cantadores do Teixeira, responsável pela divulgação do gênero.

A **literatura de cordel** propriamente dita, tem maior importância literária. É representada pelos chamados poetas populares, autores dos romances escritos. São publicados em folhetos de impressão rudimentar e expostos à venda pendurados em corda ou barbante, em esquinas e mercados.



Figura 16.1 Varal de cordel

Fonte: www.lendo.org

As xilogravuras, estampas produzidas pela técnica de fazer gravuras em relevo sobre madeira, ilustram comumente as capas, com cenas e personagens das histórias.



Figura 16.2 xilogravura

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

Os poemas variam as rimas de estrofe para estrofe, tendo como base a sextilha, seis versos de sete sílabas, em que se rimam o segundo, o quarto e o sexto verso.

São famosos os que cantam as façanhas de Lampião, Antônio Silvino, padre Cícero e outros heróis da terra. Dentre os autores da poesia tradicional, destacaram-se: João Martins de Ataíde, Delarme Monteiro de Ataíde, Delarme Monteiro da Silva, Rodolfo Coelho Cavalcante e Leandro Gomes de Barros (considerado o maior).

16.2 Biografia de Leandro Gomes de Barros

Paraibano, nascido em 19/11/1865, foi um dos poucos poetas populares a viver unicamente de suas histórias rimadas, que foram centenas. Leandro fez literatura de cordel sobre todos os temas, sempre com muito senso de humor. Começou a escrever seus textos em 1889, conforme ele mesmo conta nesta sextilha de “A Mulher Roubada”, publicada no Recife em 1907:

Leitores peço-lhes desculpa
se a obra não for de agrado
Sou um poeta sem força
o tempo me tem estragado,
escrevo há 18 anos
Tenho razão de estar cansado.

Após o seu falecimento, em 4 de março de 1918, no Recife, o poeta e editor João Martins de Ataíde, em seu folheto “A Pranteada Morte de Leandro Gomes de Barros”, escreveu:

Poeta como Leandro
Inda o Brasil não criou
Por ser um dos escritores
Que mais livros registrou
Canções não se sabe quantas
Foram seiscentas e tanta

Biografia adaptada de www.casaruiarbosa.gov.br



Você pode ler clássicos do cordel de Leandro Gomes de Barros e saber mais sobre outros autores no endereço:

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel>

Não deixe de acessar

16.3 Literatura de Cordel pelo Brasil

Os principais centros de irradiação são as cidades de Juazeiro (CE), Campina Grande (PB), Recife (PE) e Salvador (BA). Essa literatura exerceu influência em grandes nomes nacionais da ficção (José Lins do Rego, Jorge Amado e Guimarães Rosa), do teatro (Ariano Suassuna) e da poesia (Joaquim Cardozo e João Cabral de Melo Neto).

Resumo

A literatura de cordel é a **manifestação** da **cultura popular nordestina**. São **folhetos**, normalmente expostos em **barbantes** para serem **vendidos**, que se organizam, seguindo regras estabelecidas quanto à **rima**, à **métrica**, e à **estruturação** dos textos. Contam histórias de temas variados, como se estivessem cantando em voz alta. O conteúdo das histórias é **claramente organizado**.



Atividades de aprendizagem

Apresentamos a seguir um trecho do cordel “A moça que foi barrada no céu porque tinha tatuagem” do cordelista de nordestino João Batista de Melo, que vive em Niterói/ RJ, membro da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel).

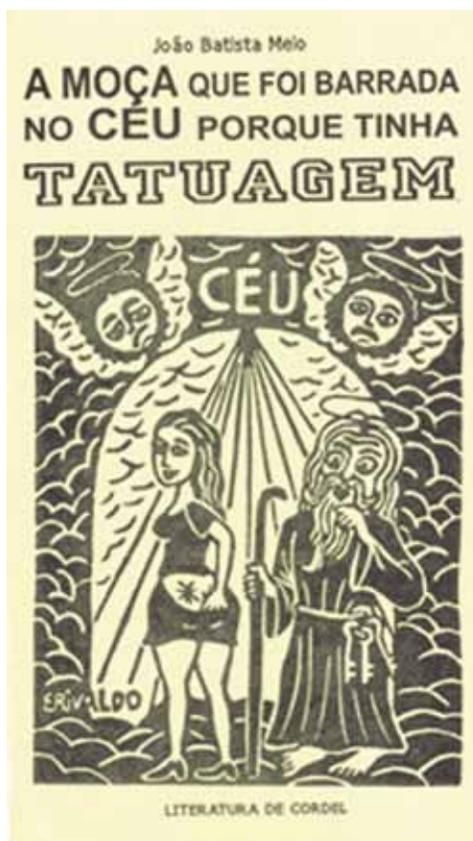


Figura 16.3 Literatura de Cordel

Aqui vou contar um caso
Que deu grande treleléu
Mariinha, moça virgem
a filha de um tabaréu
gravou uma tatuagem
e só por essa bobagem
ficou barrada no céu

Pra que se entenda melhor
e possam tirar vantagem
eu vou retornar ao tempo
do primitivo selvagem
pra poder melhor falar
dessa marca milenar
chamada tatuagem

Esta moda começou
na Era dos canibais
pelos cinco continentes
nos ambientes tribais
quando a comunicação
ainda de pé no chão
e passos iniciais

[...]

Chega o mundo cibernético:
celular... televisão...
astronautas nas estrelas,
aparelhos em Plutão
tudo se modernizando
e o homem precisando
colocar os pés no chão

cai o muro de Berlim
levando o socialismo,
sobe o valor da estética
das drogas... do comunismo...
essa braba "evolução"
faz o livre cidadão
voltar ao primitivismo

[...]

Agora volto ao assunto
que prometi pra vocês
da moça lá do sertão
filha do tal camponês
que trabalhou na cidade
sem ter escolaridade
e no céu não teve vez

[...]

E a nossa Mariínha
que não tinha vida torta
já o céu a esperava
segundos depois de morta
mas pra surpresa geral
já no portão principal
ficou barrada na porta

[...]

Veio São Pedro Correndo
olhar aquela engrenagem
testando o computador
que comandava a triagem
descobriu que Mariínha
com seu jeito de santinha
levava uma tatuagem

Em sua opinião, como termina essa história? Use sua imaginação e dê um final para ela, pode ser em versos ou não.

Aula 17 - Histórias em Quadrinhos

Nesta unidade, estudaremos um gênero que agrada a todos: as histórias em quadrinhos. Você conhecerá os tipos de histórias em quadrinhos existentes, suas particularidades como: finalidade, perfil dos interlocutores, o suporte no qual são publicadas, estrutura e linguagem.

17.1 Histórias em Quadrinhos

O gênero histórias em quadrinhos fascina e sempre fascinou diferentes gerações, desde o seu surgimento até hoje. A mistura de linguagem verbal (palavras) e não verbal (imagens) chama atenção do leitor, que quer saber o final da história, seja ela voltada para o humor ou outro gênero.

Nos quadrinhos predomina a sequência ou tipo textual narrativo, isto é, há um enredo, personagens, tempo e espaço. Os personagens podem ser fixos ou não. A história pode ocorrer em um ou mais quadrinhos, de acordo com o formato escolhido pelo autor. São vários os formatos possíveis: charges, cartuns, tiras cômicas, tiras seriadas e outros modos de histórias em quadrinhos.

17.1.1 Charge

A charge é um tema de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. Ela recria o fato de modo ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual. Veja:



Figura 17.1 Aposentadoria do Ronaldo

Fonte: www.gazetadopovo.com.br

Esta charge, aborda o fim da carreira do jogador de futebol Ronaldo Fenômeno, e só é entendida por quem já leu as notícias sobre o assunto e sabe conhece a trajetória do ex-jogador.

17.1.2 Cartum

O que diferencia o cartum da charge é não estar vinculado a um fato do noticiário. No mais são muito parecidos.



Figura 17. 2 Cartum

Fonte: www.quino.com.ar

É importante observar, neste cartum, que o humor vem de uma situação comum. Não se trata de um assunto do noticiário jornalístico.

17.1.3 Tira Cômica

A tira cômica é a que predomina nos jornais brasileiros. A temática atrelada ao humor é uma das principais características do gênero tira cômica. Trata de um gênero curto, construído em um ou mais quadrinhos, com a presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado. Usa estratégias semelhantes a uma piada para provocar o efeito de humor. Veja:



Figura 17.3 Tira Cômica

Fonte: <http://www2.uol.com.br>

17.1.4 Tiras cômicas seriadas e tiras seriadas.

As tiras cômicas e as tiras seriadas são apresentadas com intervalos de tempo, dias ou semanas, e cada tira traz um capítulo de uma trama maior. Como exemplo de tiras cômicas seriadas, leia as tiras do personagem Aline, de Adão Iturrusgarai:

Tema 1:



Figura 17.4 Tiras seriadas

Fonte: <http://www2.uol.com.br>

Tira 2:



Figura 17.5 Tiras seriadas

Fonte: <http://www2.uol.com.br>

Tira 3:



Figura 17.6 Tiras seriadas

Fonte: <http://www2.uol.com.br>

Nota sobre o autor

Adão Iturrusgarai nasceu no ano de 1965, na cidade de Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul. Morou em Porto Alegre, Paris, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires, necessariamente nessa ordem. No Brasil publica seus quadrinhos nos Jornais Folha de São Paulo e O Liberal e na revista Sexy. Publica também na revista Internazionale (Itália) e revista Fierro (Argentina). Atualmente vive com sua mulher e filha em Gaiman, uma colônia galesa de 6 mil habitantes encravada na patagônia argentina.

Quadrinhos na TV

As histórias inusitadas e bem humoradas de Aline foram parar na televisão. No formato série, a garota mais moderninha dos quadrinhos brasileiros foi interpretada pela atriz Maria Flor e seus namorados, Otto e Pedro, pelos atores Bernardo Marinho e Pedro Neschling.

17.2 A linguagem dos quadrinhos

As histórias em quadrinhos, de acordo com que já vimos, associam as linguagens verbal e não verbal. A linguagem verbal aparece, normalmente, nos balões, nas legendas, nas onomatopeias e nas interjeições.

17.2.1 Balões

Os balões são elementos gráficos que contêm textos ou imagens, símbolos e mudam conforme o que expressam: falas, pensamentos, emoções, etc. Observe:



Figura 17.7 Balões

Fonte: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br

17.2.2 Legenda

As legendas são pequenos textos que descrevem um fato ou passa alguma informação que se relaciona com o começo da história ou conecta um quadrinho a outro.

17.2.3 Onomatopeias e interjeições

As onomatopeias são usadas para expressar os sons nas imagens. Veja:

E as interjeições expressam as emoções dos personagens, como, por exemplo, Ai!, Ui! Olá! Assim como as onomatopeias, as interjeições costumam vir acompanhadas de ponto de exclamação.

17.2.4 Outros Recursos

Nos quadrinhos, costumam aparecer outros recursos usados para destacar fatos e personagens nas histórias como cores variadas para ilustração das vinhetas e letras de tipos e formatos diferentes para destacar a linguagem verbal.

O desenho dos personagens é elaborado por linhas não muito grossas e cores não muito vivas, ideais para se mostrar sentimentos, expressões faciais, movimentos, deslocamentos e ações.

Adaptado de: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br

Resumo

As histórias em quadrinhos são um tipo de gênero textual que associa a **linguagem verbal e a linguagem visual** (não verbal) e tem por finalidade **divertir, ensinar e criticar**. Os seus interlocutores são os mais variados, desde crianças e jovens até adultos. Normalmente, são publicados em **revistas, jornais, internet**, etc. Aborda **assuntos diversos** e a linguagem usada é a **oral e a informal**, apropriada às situações do dia a dia. As histórias são apresentadas em **sequência de quadros**; a fala e o pensamento dos personagens vêm em balões.

Atividades de aprendizagem

Leia esta tira:



Figura 17.9 Tira cômica

<http://www2.uol.com.br>



Figura 17.8 Interjeição

Fonte: www.revistalingua.com.br



- 1.** As histórias em quadrinhos utilizam duas linguagens para a composição de seus quadros. Quais são elas?

- 2.** Agora, leia apenas a parte verbal da tirinha. Sem as imagens a história tem sentido completo?

- 3.** E sem a linguagem não verbal?

- 4.** Portanto, qual a função dessas duas linguagens nessa tirinha?

Aula 18 - Peça Teatral

Nesta aula você verá as mais importantes características deste gênero textual. Para isso, estudaremos o perfil dos interlocutores, sua finalidade, os locais onde pode ser publicado, sua organização estrutural e o tipo de linguagem empregado na elaboração.

18.1 Peça Teatral

O trecho de texto que você vai ler a seguir foi retirado da peça teatral *Auto da Compadecida*, do autor Ariano Suassuna:

O fragmento faz parte da cena do julgamento, em que os personagens, depois da morte, esperam pela decisão sobre o seu destino. O personagem Encourado recebe essas pessoas e manda o Demônio levá-las para o inferno. As pessoas ficam desesperadas e não querem ir. De repente, o personagem João Grilo, falando alto, diz que tem direito a ser julgado antes de ir. Os outros o apoiam. Nesse instante, pancadas de sino começam a soar. O Encourado fica nervoso.

Wanderley, o Demônio traz um grande livro que o Encourado vai lendo.

JOÃO GRILO

Ah! pancadinhas benditas! Oi, está tremendo? Que vergonha, tão corajoso antes, tão covarde agora! Que agitação é essa?

ENCOURADO

Quem está agitado? É somente uma questão de inimizade. Tenho o direito de me sentir mal com aquilo que me desagrada.

JOÃO GRILO

Eu, pelo contrário, estou me sentindo muito bem. Sinto-me como se minha alma quisesse cantar.

BISPO, *estranhamente emocionado*.

Eu também. É estranho, nunca tinha experimentado um sentimento como esse. Mas é uma vontade esquisita, pois não sei bem se ela é de cantar ou de chorar.

Esconde o rosto entre as mãos. As pancadas do sino continuam e toca uma música de aleluia. De repente, João ajoelha-se, como que levado por uma força irresistível e fica com os olhos fixos fora. Todos vão-se ajoelhando vagarosamente. O Encourado volta rapidamente as costas, para não



A Literatura de Cordel na TV
As histórias da literatura de cordel, que encantam nos folhetos, foram parar também na TV na telenovela *Cordel Encantado* das autoras Thelma Guedes e Duca Rachid. É possível perceber as características da literatura de cordel ilustradas na televisão, desde a abertura da telenovela, elaborada a partir de xilogravuras, passando pela história, que mistura realidade e fantasia de forma poética, até o figurino e trilha sonora, com a representação da cultura nordestina.

Illuminura:

Arte que, nos antigos manuscritos, alia a ilustração e a ornamentação por meio de pintura.

ver o Cristo que vem entrando. É um preto retinto, com uma bondade simples e digna nos gestos e nos modos. A cena ganha uma intensa sua-vidade de Iluminura. Todos estão de joelhos, com o rosto entre as mãos.

ENCOURADO, de costas, grande grito, com o braço ocultando os olhos Quem é? É Manuel?

MANUEL

Sim, é Manuel, o Leão de Judá, o Filho de Davi. Levantem-se todos, pois vão ser julgados.

JOÃO GRILO

Apesar de ser um sertanejo pobre e amarelo, sinto perfeitamente que estou diante de uma grande figura. Não quero faltar com o respeito a uma pessoa tão importante, mas se não me engano aquele sujeito acaba de chamar o senhor de Manuel.

MANUEL

Foi isso mesmo, João. Esse é um de meus nomes, mas você pode me chamar também de Jesus, de Senhor, de Deus... Ele gosta de me chamar Manuel ou Emanuel, porque pensa que assim pode se persuadir de que sou somente homem. Mas você, se quiser, pode me chamar de Jesus.

JOÃO GRILO

Jesus?

MANUEL

Sim.

JOÃO GRILO

Mas, espere, o senhor é que é Jesus?

MANUEL

Sou.

JOÃO GRILO

Aquele Jesus a quem chamavam Cristo?

JESUS

A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

JOÃO GRILO

Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado.

BISPO

Cale-se, atrevido.

MANUEL

Cale-se você. Com que autoridade está repreendendo os outros? Você foi um bispo indigno de minha Igreja, mundano, autoritário, soberbo. Seu tempo já passou. Muita oportunidade teve de exercer sua autoridade, santificando-se através dela. Sua obrigação era ser humilde porque quanto

mais alta é a função, mais generosidade e virtude requer. Que direito tem você de repreender João porque falou comigo com certa intimidade? João foi um pobre em vida e provou sua sinceridade exibindo seu pensamento. Você estava mais espantado do que ele e escondeu essa admiração por prudência mundana. O tempo da mentira já passou.

JOÃO GRILO

Muito bem. Falou pouco mas falou bonito. A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto.

MANUEL

Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceitos de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que isso ia despertar comentários. Que vergonha! Eu Jesus, nasci branco e quis nascer judeu, como podia ter nascido preto. Para mim, tanto faz um branco como um preto. Você pensa que eu sou americano para ter preconceito de raça?

PADRE

Eu, por mim, nunca soube o que era preconceito de raça.

ENCOURADO, *sempre de costas para Manuel*

É mentira. Só batizava os meninos pretos depois dos brancos.

PADRE

Mentira! Eu muitas vezes batizei os pretos na frente.

ENCOURADO

Muitas vezes, não, poucas vezes, e mesmo essas poucas quando os pretos eram ricos.

PADRE

Prova de que eu não me importava com cor, de que o que me interessava...

MANUEL

Era a posição social e o dinheiro, não é, Padre João? Mas deixemos isso, sua vez há de chegar. Pela ordem, cabe a vez ao bispo. *(Ao Encourado.)*

Deixe de preconceitos e fique de frente.

ENCOURADO, *sombrio*

Aqui estou bem.

MANUEL

Como queira. Faça seu relatório.

JOÃO GRILO

Foi gente que eu nunca suportei: promotor, sacristão, cachorro e soldado de polícia. Esse aí é uma mistura disso tudo.

MANUEL

Silêncio, João, não perturbe. *(Ao Encourado.)* Faça a acusação do bispo. Aqui, por sugestão de Clênio

Fonte: Auto da Compadecida, Ariano Suassuna, ed. Agir, 2005.

A-Z

Encourado:

Diabo que, segundo se acredita no sertão do Nordeste, aparece em forma de homem muito moreno, vestido como vaqueiro.



Um dos grandes autores de peças teatrais foi o inglês William Shakespeare, suas obras são conhecidas no mundo todo. É dele, por exemplo, o famoso texto Romeu e Julieta. Não deixe de lê-lo é realmente uma obra prima.

18.2 Caracterizando o Texto Teatral

O texto teatral é bastante semelhante ao texto narrativo: apresenta fatos, personagens, tempo e espaço.

Nessa cena, o fato principal é o julgamento do personagem João Grilo, do bispo e do padre depois da morte deles. Os acontecimentos ocorrem, possivelmente, em um tribunal, porque se trata de um julgamento. O tempo aproximado da cena seria de mais ou menos cinco minutos.

Se compararmos a estrutura do texto teatral aos gêneros narrativos ficcionais, como o conto e o romance, observaremos que ele se organiza de forma diferente em alguns pontos:

- a) não há um narrador que conta a história;
- b) a visão que o leitor tem dos personagens é construída a partir das suas falas e ações e, ainda, a partir do que outros personagens dizem a respeito deles;
- c) a fala de cada personagem é introduzida pelo seu nome em destaque, normalmente em letra maiúscula, no início da frase;
- d) as indicações de como os personagens devem se movimentar em cena aparece em letra de tipo diferente – estes trechos são chamados de **rubrica**.

No momento em que o texto teatral é lido, seu interlocutor é o leitor da história. No momento em que é encenado, o seu interlocutor é a plateia, ou seja, quem assiste ao espetáculo.

Resumo

Texto **escrito** ou **encenado** em que os diálogos são os que mais bem imitam as situações reais. Nelas os personagens conversam entre si para dar ao espectador a sensação de estar dentro da cena. Na peça de teatro **não existe a figura do narrador**, apenas os **diálogos** e as **rubricas**, que orientam o leitor ou o diretor sobre a montagem da cena, o figurino usado pelos personagens e a entonação de voz, por exemplo. A maneira como as coisas **são ditas** permite ao leitor fazer **inferências** sobre as características de cada personagem e **compreender** os conflitos da trama.

Aula 19 - Roteiro de Cinema

O objetivo desta unidade é apresentar as particularidades do gênero textual roteiro de cinema, conhecer o gênero, sua função, composição e estrutura, e perceber o tipo de linguagem utilizada na produção deste gênero textual.

19.1 Roteiro de Cinema

Você se lembra do filme Cidade de Deus? Filme brasileiro de 2002, dirigido por Fernando Meirelles? Leia o início do roteiro deste filme:

1 EXT. CASA DE ALMEIDINHA – DIA
Abrimos com a imagem de um FACÃO sendo afiado.

CARACTERES em superposição: 1981
Ouve-se o murmúrio de VOZES alegres, vozes CANTANDO um samba acompanhado de um BATUQUE. Não vemos as pessoas. Mas os sons deixam claro que se trata de um ambiente festivo.

A letra do samba tem como tema: comida.
MÃOS NEGRAS amarram com um barbante a PERNA de um GALO.

O galo é imponente e vistoso. Alternamos o galo - incomodado por ter a perna amarrada - a imagens que sugerem a preparação de um almoço: ÁGUA FERVENDO numa enorme panela.

O galo parece reagir à imagem anterior.

Batatas sendo descascadas por MÃOS de uma mulher negra.

O galo reage como se entendesse a situação: vai virar comida.

GALINHAS MORTAS sendo depenadas por MÃOS de mulheres negras.

O galo reage. Ele tenta libertar a perna amarrada ao barbante.

MÃO masculina negra percute o couro de um pandeiro.

A letra do samba faz referência explícita ao tema comida.

O galo parece entender que seu fim está próximo.



Figura 19.1: Filme Cidade de Deus

Fonte: <http://globofilmes.globo.com>

Um FACÃO sendo afiado por mãos negras masculinas. A faca vai CRES-
CENDO, tornando-se cada vez mais ameaçadora.

O galo se desespera. Luta. E escapa.

ALMEIDINHA, o negro que segura o facão, percebe a fuga do galo e dá o alarme.

ALMEIDINHA

O galo fugiu!

Pela primeira vez, vemos a casa de Almeidinha do lado de fora.

Trata-se de um lugar pobre, uma casa de alvenaria da Cidade de Deus. A festa está acontecendo no quintal.

A fuga do galo provoca um grande ALVOROÇO entre os convidados: na maioria homens, JOVENS, NEGROS e MULATOS. Apenas alguns são BRANCOS. Estão quase todos de calção e chinelo.

Dezenas de bandidos saem correndo atrás do galo. Eles fazem parte da quadrilha de Zé Pequeno. Todos berrando:

VOZES DOS BANDIDOS

Pega o galo, pega o galo!

2 EXT. RUA PRÓXIMA - DIA

BUSCA-PÉ, o narrador da história, tem nas mãos uma câmera fotográfica profissional. É negro e tem aproximadamente 18 anos.

Ao lado dele o amigo BARBANTINHO.

Eles caminham por uma rua do conjunto

BARBANTINHO

Aí, Busca-Pé... Tu acha mesmo que os cara vão te dar emprego no jornal se tu conseguir tirar essa foto?

BUSCA-PÉ

Eu tenho que arriscar.

BARBANTINHO

Porra! Tu tá arriscando é a vida. Por causa de uma foto, mermão! Dá um tempo!

MONTAGEM PARALELA

Intercalamos a conversa de Barbantinho e Busca-Pé às imagens dos bandidos perseguindo o galo pelas vielas da Cidade de Deus.

VIELA - BANDIDOS.

Com ZÉ PEQUENO - gordinho, pescoço socado e cabeçudo - à frente, os bandidos perseguem o galo pelas vielas da Cidade de Deus. Os bandidos estão se divertindo com a situação.

Zé Pequeno aparece em close imediatamente após Busca-Pé dizer "daquele filho da puta".

A perseguição é cheia de peripécias, com o galo "dando um baile" nos perseguidores.

Durante a perseguição, passamos por alguns dos caminhos tortuosos da Cidade de Deus: casas simples, algumas casas muito pobres, ruas mal cuidadas, moradores na maioria negros, pobres e ASSUSTADOS com a correria dos bandidos.

RUA - BUSCA-PÉ E BARBANTINHO

BARBANTINHO (CONT.)

Na boa, Busca-Pé. Eu acho que os cara do jornal tão de sacanagem. Eles nunca vão te dar emprego.

BUSCA-PÉ

Pô, Barbantinho. Se conseguir essa foto, eu vou ficar na moral com os caras, tá entendendo?

BARBANTINHO

Tu tá falando dum jeito que parece até que a gente tá num episódio da Missão Impossível.

BUSCA-PÉ

Pior é que é.

VIELA – BANDIDOS

Zé Pequeno, ao dobrar uma viela, tromba com um VENDEDOR de PANE-LAS. Zé Pequeno cai no meio das panelas. Dá sua RISADA FINA, ESTRI-DENTE E RÁPIDA.

Ele se levanta, e começa a ESPANCAR violentamente o vendedor de panelas.

Zé Pequeno tira de trás do calção uma PISTOLA. Parece que ele vai matar o coitado. Mas, em vez disso, aponta o revólver para o alto, e dá a ordem:

ZÉ PEQUENO

Senta o dedo no galo!

Imediatamente, todos os bandidos sacam suas armas e correm atrás do galo, que está se aproximando cada vez mais a uma esquina.

RUA - BUSCA-PÉ E BARBANTINHO

BARBANTINHO

Porra, Busca-Pé! Vamo sai saindo. Se tu encontrar o cara? Ele deve tá querendo te matar.

BUSCA-PÉ

Barbantinho, se liga: a última coisa que eu queria na minha vida era ter que ficar cara a cara com aquele bandido de novo.

Durante a perseguição, passamos por alguns dos caminhos tortuosos da Cidade de Deus: casas simples, algumas casas muito pobres, ruas mal cuidadas, moradores na maioria negros, pobres e ASSUSTADOS com a correria dos bandidos.

Neste exato momento, as duas ações paralelas se encontram: o galo vira a esquina. E atrás dele surgem Zé Pequeno e sua gangue.

Barbantino arregala os olhos. Busca-Pé levanta um pouco a câmera fotográfica em direção ao olho, mas não consegue levar o gesto até o final. Ele fica paralisado, olhando para Zé Pequeno que aponta a arma para Busca-Pé e grita:

ZÉ PEQUENO

Segura o galo.

Busca-Pé assume a pose de goleiro, fica meio abobalhado, tentando agarrar o galo, que passa no meio das pernas dele.

Uma MULHER que empurra um carrinho de bebê vê a cena e se afasta apressadamente.

Zé Pequeno avança em direção a Busca-Pé.

Busca-Pé está apavorado. Barbantino, paralisado.

Zé Pequeno pára de repente. Todos os bandidos apontam suas armas para alguém que está atrás de Busca-Pé.

Busca-Pé olha para trás e vê uma PATRULHA de 6 policiais.

À frente da patrulha está o detetive Cabeção -- nordestino e mal-encarado.

Busca-Pé ainda na pose de goleiro desajeitado. A imagem congela.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Na Cidade de Deus, não dá pra saber o que é pior: encarar os bandidos ou a polícia. É um banguê-banguê sem mocinho. E sempre foi assim... Desde que eu...

Fonte: www.roteirodecinema.com.br

Este roteiro foi escrito por Bráulio Mantovani, adaptado do romance de Paulo Lins, para o filme Cidade de Deus. Você já sabia que todo filme segue um texto com as dicas do que é para fazer em cada cena?

19.2 Caracterizando o Roteiro de Cinema

O roteiro de cinema é um texto que serve de **suporte** para a **realização de um filme**. Ele é composto por **cenas e sequências numeradas**. Há, ainda, indicações sobre o **tipo de cena** (interna ou externa), o **local**, o **momento** em que a cena se passa e **descrição do local** e dos personagens quando aparecem pela primeira vez.

A-Z

Discurso direto:

Reprodução de maneira direta da fala dos personagens.

Rubrica:

Nota para orientar como fazer ou dizer algo

No roteiro, predomina, normalmente, o **discurso direto** para a construção do texto e o desenvolvimento das ações. O texto, assim como o texto teatral, apresenta **rubricas** para a interpretação das ações dos personagens.

Aula 20 - Compreensão de Texto

Veja só, já estamos na última unidade do livro, como passou rápido o tempo, não foi? Nesta aula, vamos tratar da compreensão de texto. Vamos retomar alguns conceitos estudados nas outras aulas e percebê-los nas leituras para compreensão textual.

20.1 Compreensão de Texto

Em todas as aulas contidas neste livro, lemos e analisamos muitos textos. Nosso objetivo principal, desde o início, era despertar o seu olhar para as várias possibilidades de leitura que temos ao nosso alcance. Possivelmente, após todas essas leituras, você tenha percebido que a palavra leitura é ampla e não se reduz a textos verbais que devam ser lidos por obrigação. Há, com certeza, textos para todos os gostos.

No entanto, em exames vestibulares e provas de leitura não se pode escolher o texto a ser lido e ser interpretado, por isso a importância de ler textos de gêneros que apresentam estilos e linguagens diferentes.

20.2 Retrospectiva

Inicialmente, nosso foco estava em entender a amplitude da palavra leitura. Tratamos dos significados e das mudanças relativas ao termo e ao ato de ler em si. Vimos, também, que o ato de ler exige do leitor a passagem por níveis distintos, necessários para uma compreensão efetiva do texto lido.

Em seguida, discutimos sobre a noção de texto e descobrimos que o todo é um todo organizado de sentido, ou seja, toda mensagem, em linguagem verbal ou não que transmita uma informação completa é um texto. Existem alguns conceitos que são comuns aos bons textos: coesão, coerência, contexto, intertextualidade.

Depois, aprendemos que cada texto se organiza em uma estrutura específica que o caracteriza como sendo um gênero textual. Essa estrutura o identifica socialmente e nos permite entender sua função. Os gêneros textuais podem ser informativos ou literários. Aqui, neste livro, estudamos mais detalhadamente gêneros literários ou artísticos.

Você teve a oportunidade de ler trechos de vários gêneros literários e de conhecer as particularidades de cada um; pôde descobrir qual deles iria interessar como leitura para o dia a dia, para entretenimento e reflexão.

E, nesta aula, finalizamos nossa conversa recapitulando os assuntos estudados.

20.3 Para ler e compreender

Por tudo isso que aprendemos até esta unidade, destacamos para você: no momento de ler e interpretar textos é importante levar em conta os seguintes tópicos:

Finalidade do gênero: com qual finalidade o texto analisado foi escrito?

Perfil dos interlocutores: todo texto foi feito de um alguém para outro alguém. Daí a necessidade de se prestar atenção e saber quem e para quem se escreveu o texto.

Suporte: o lugar onde o texto foi publicado pode determinar a sua leitura. Se formal ou informal ou informativo ou literário/artístico.

Tema: o assunto muitas vezes não é compreendido por quem lê, é preciso perceber especificamente qual é o tema e não se deixar levar pelo seu conhecimento sobre o que está sendo analisado. Há leitores que não seguem o que o texto diz, mas o que ele acha que o texto diz.

Estrutura: os textos em geral, seguem uma forma fixa, isto é, sempre seguem um modelo, com pequenas variações. Assim, uma receita, normalmente, segue a estrutura de ingredientes e modo de preparo, por exemplo.

Linguagem: o tipo de linguagem, formal ou informal, também dá pistas sobre o contexto e finalidade de produção de todo texto.

Com a observação desses aspectos, a sua leitura e compreensão de texto, será mais completa e eficiente.

Resumo

A **compreensão** de texto envolve uma série de cuidados: a **noção correta de texto**, a atenção do leitor para as **leituras possíveis** para cada texto, o **entendimento** sobre os **vários gêneros e linguagens** existentes, são alguns deles.

Referências

CEREJA, W. R. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**/ William Roberto Cereja. __ São Paulo: Atual, 2005.

_____, William Roberto, **Português: linguagens: volume 1: ensino médio**/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. __ 5. ed. __ São Paulo: Atual, 2005.

_____, **Português: linguagens: volume 2: ensino médio**/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. __ 5. ed. __ São Paulo: Atual, 2005.

_____, **Português: linguagens: volume 3: ensino médio**/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. __ 5. ed. __ São Paulo: Atual, 2005.

FILIPOUSKI, A. M. R. **A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura**/ Ana Mariza Ribeiro Filipouski; Diana Maria Marchi. __ Erechim, RS: Edelbra, 2009.

FIORIN, J. L. **Para entender o texto: leitura e redação** / José Luiz Fiorin; Francisco Platão Savioli. - 17.ed. São Paulo: Ática, 2007.

KOCH, I.V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**/ Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Dias. - 3.ed., 1ª reimpressão. São Paulo, Contexto, 2010.

PAULINO, Graça. **Tipos de textos, modos de leitura** / Graça Paulino... [et al.]. – Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

PEREIRA, K. H., **Como usar artes visuais na sala de aula**/Katia Helena Pereira. __São Paulo: Contexto, 2007. (Coleção Como usar na sala de aula)

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**/ Paulo Ramos. _ São Paulo: Contexto, 2009.

SAVIOLI, F. **P. Lições de texto: leitura e redação**/ Francisco Platão Savioli, José Luiz Fiorin – 5.ed. - São Paulo: Ática, 2006.

SUASSUNA. A. **Auto da Compadecida/** Ariano Suassuna – 11. ed., Rio de Janeiro, Agir, 1975.

Enciclopédia e Dicionário Koogan-Houaiss Digital

Referências de Internet

Aula 1

Texto de Gilberto Dimenstein:

<http://www.percepcoes.org.br/editorial.asp> Acesso em 14 maio 2011.

Compreensão de texto, Pescador de Ti:

<http://www.diaadia.pr.gov.br/projetofolhas/livreto/linguaportuguesa.php> Acesso em 14 maio 2011.

Aula 3

Charge sobre o aquecimento global:

http://1.bp.blogspot.com/-ixt_1kME0Jw/TVVjmAgWP_I/AAAAAAAAAAcE/iSvnGC6Z-QQ/s1600/charge-aquecimento-global.jpg Acesso em 15 maio 2011.

Trecho do poema **Canção do Exílio**:

<http://www.estudandolettras.org/ poesia/analise-do-poema-%E2%80%9Ccancao-do-exilio%E2%80%9D-de-goncalves-dias/> Acesso em 15 maio de 2011.

Hino Nacional:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm Acesso em 15 maio de 2011.

Aula 4

Notícia:

<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/novas-regras-para-carteira/171077> Acesso em 23 abril 2011.

Receita:

<http://cliqueagosto.pop.com.br/receitas/espetinhos-de-peixe> Acesso em 23 abril 2011.

Poema de **Cecília Meireles**:

<http://zezepina.utopia.com.br/poesia/poesia177.html> Acesso em 23 abril 2011.

Tabela de gêneros textuais:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/diretrizes_2009/out_2009/lingua_portuguesa.pdf Acesso em 23 abril 2011.

Aula 5

Notícia:

<http://revistapescaecompanhia.uol.com.br/noticias/noticias.aspx?c=3821> Acesso em 22 maio de 2011.

Citação **Rubem Alves**:

<http://www.rubemalves.com.br/lereprazer.htm> Acesso em 22 maio de 2011.

Poema de **Afonso Romano de Sant'Anna**:

<http://ead1.unicamp.br/e-lang/supletivo/c6a6p.php?c=6&ati=12&ativa=6&tipo=p&titulo=Coes%E3o%20e%20Coer%EAncia> Acesso em 22 maio de 2011.

Nota de apresentação:

http://www.pescaalternativa.com.br/novo/index.asp?pag=12&it_tipo=1 Acesso em 22 maio de 2011.

Aula 6

Crônica **Garoto Linha Dura**:

<http://www.garotolinhadura.com.br/capitulo.asp> Acesso em 24 jun. 2011.

Caricatura de **Stanislaw Ponte Petra**:

http://www.jornalonorte.com.br/imagens/2011/02/28/SHOW1_1.jpg Acesso em 24 jun. 2011.

Henriqueta Lisboa:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/hlisbo00.html#bio> Acesso em 24 jun. 2011.

Caricatura de **Henriqueta Lisboa**:

<http://www.antoniomiranda.com.br/Brasilempre/img/henriqueta.jpg> Acesso em 24 jun. 2011

Aula 7

Poema **Amigo**:

<http://www.roseanamurray.com/poemas.asp> Acesso em 31 abril 2011.

Aula 9

Soneto do maior amor:

<http://www.sonetos.com.br/sonetos.php?n=1486> Acesso em 07 maio 2011.

Trecho de Os Lusíadas:

<http://www.oslusiadas.com/content/view/18/41/> Acesso em 07 maio 2011.

Trecho de O noviço:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000032.pdf> Acesso em 07 maio 2011.

Aula 10

Crônica Chatear e Encher:

<http://www.riototal.com.br/coojornal/cronica002.htm> Acesso em 24 maio 2011.

Crônica Na Escuridão Miserável:

<http://pessoal.educacional.com.br/up/4380001/1079365/t1369.asp> Acesso em 24 maio 2011.

Figura de Paulo Mendes Campos:

http://4.bp.blogspot.com/_f3sCe92IEjs/TNhiwCEFzNI/AAAAAAAAAJk/xnbtOSrOweo/s1600/sub-paulo-mendes-campos_materia2.jpg Acesso em 24 maio 2011.

Revista Na ponta do Lápis:

http://www.escrevendo.cenpec.org.br/ecf/index.php?option=com_content&view=article&id=25680:revistas-na-ponta-do-lapis&catid=164:na-ponta-do-lapis&Itemid=788 Acesso em 24 maio 2011.

Aula 11

Moacir Sclair:

http://www.releituras.com/mscliar_bio.asp Acesso em 24 maio 2011.

Figura de Moacyr Sclair:

<http://amarilodcharge.files.wordpress.com/2011/03/moacyr-scliar-blog1.jpg?w=640&h=810> Acesso em 24 maio 2011.

Aula 12

A morte e a morte de Quincas Berro D'água:

<http://veja.abril.com.br/150801/quincas.html>

<http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12575&ordena=1> Acesso em 11 de jun. 2011.

Notícia:

<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/03/28/torcida-leva-caixao-com-um-morto-a-estadio-em-jogo-do-campeonato-colombiano.jhtm> Acesso em 11 de jun. 2011.

Figura de Jorge Amado:

<http://cartumfazescola.zip.net/images/Amado.jpg> Acesso em 11 de jun. 2011.

Aula 13

Capítulos de Dom Casmurro

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000069.pdf> Acesso em 11 de jun. 2011.

Informações sobre Machado de Assis:

http://www.releituras.com/machadodeassis_bio.asp Acesso em 11 de jun. 2011.

Caricatura de Machado de Assis:

http://3.bp.blogspot.com/_qg1oVMDxpD0/SkmDfrQBbWI/AAAAAAAAAE8/zC0Y4kOjWHI/s400/machado-de-assis.jpg Acesso em 11 de jun. 2011.

Aula 14

Poema de Marina Colasanti:

www.pjf.mg.gov.br/se/escolas/cosette/.../artigo_luciane_nobre.doc Acesso em 12 de jun. 2011.

Aula 15

Informações sobre o gênero canção:

<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/alcgada.pdf> Acesso em 25 de jun. 2011.

Música O Calhambeque:

<http://letras.terra.com.br/roberto-carlos/48644/> Acesso em 25 de jun. 2011.

Música Capricha Gaiteiro:

<http://letras.terra.com.br/chiquito-e-bordoneio/225648/> Acesso em 25 de jun. 2011.

Figura do Calhambeque de Roberto Carlos:

<http://www.bahianoticias.com.br/fotos/editor/Imagem/Entretenimento/roberto-carlos-calhambeque.jpg> Acesso em 25 de jun. 2011.

Aula 16

Literatura de Cordel – Dissertação: A CHEGADA DE HITLER NO INFERNO: PERCURSOS INTER-TEXTUAIS OU POLIFÔNICOS PRESENTES NA LITERATURA DE CORDEL:

http://200.189.113.123/diaadia/diaadia/modules/mydownloads_01/viewcat.php?cid=26&min=15&orderby=dateA&show=5&PHPSESSID=d3fc5557074ce4153a32a223ac5eb5f5 Acesso em 27 de jun. 2011.

Figura de Literatura de Cordel:

<http://www.lendo.org/wp-content/uploads/2008/04/literatura-de-cordel-foto.jpg> Acesso em 27 de jun. 2011.

Biografia de Leandro Gomes de Barros:

http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_biografia.html# Acesso em 27 de jun. 2011.

Figura de Xilogravura

http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/aulas/3847/imagens/normal_cordel_jborges130208.jpg
Acesso em 27 de jun. 2011.

Aula 17**Charge:**

<http://www.gazetadopovo.com.br/charges/index.phtml?ch=Paix%E3o&offset=&offset=20> Acesso em 08 jun. 2011.

Cartum:

<http://www.quino.com.ar/imagenes/el-mundo-de-quino-cocina-y-dieta.jpg> Acesso em 30 de jun. 2011.

Tiras cômicas:

http://www2.uol.com.br/niquel/seletas/seletas_tiras_009/9.gif Acesso em 30 de jun. 2011.

Tiras cômicas do personagem Aline:

<http://www2.uol.com.br/adaonline/v2/tiras/aline/tiras/campo1.htm> Acesso em 30 de jun. 2011.

<http://www2.uol.com.br/adaonline/v2/tiras/aline/tiras/campo2.htm> Acesso em 30 de jun. 2011.

<http://www2.uol.com.br/adaonline/v2/tiras/aline/tiras/campo3.htm> Acesso em 30 de jun. 2011.

Balões:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/livro_e_diretrizes/livro/arte/seed_arte_e_book.pdf

Acesso em 30 de jun. 2011.

Onomatopeia:

http://www.revistalingua.com.br/imagem_p.ashx?file=arquivos/NVZ8Z2LRXL56_22.jpg&x=510 Acesso em 01 de jul. 2011.

Aula 19**Roteiro do filme Cidade de Deus**

<http://www.roteirodecinema.com.br/roteiros/cidadededeus.htm> Acesso em 30 jun. 2011.

Figura 19.1: Filme Cidade de Deus

<http://globofilmes.globo.com/GF/foto/0,,4949817,00.jpg>

Atividades autoinstrutivas

1. Assinale a alternativa que apresenta, **corretamente**, as diferentes maneiras de se entender a palavra leitura ao longo do tempo:
 - a) inicialmente, era entendida como contar, enumerar letras, depois, entendida como colher e, finalmente, como roubar.
 - b) nos últimos tempos, era entendida como colher, antes, como enumerar e no início como roubar.
 - c) em todas as épocas, a leitura foi compreendida como contar e enumerar.
 - d) no começo, significava enumerar, em seguida, contar, e, por último, colher.
 - e) nos primeiros tempos, era entendida como roubar, depois como enumerar e finalmente como contar.

2. Sobre os níveis de leitura, de acordo com os autores Platão e Fiorin, é **correto** afirmar que:
 - a) são divididos em dois níveis: o superficial e o profundo.
 - b) o nível profundo apresenta os significados mais concretos e diversificados.
 - c) o nível intermediário e o superficial são mais importantes que o profundo.
 - d) os significados mais abstratos e simples aparecem no nível profundo.
 - e) os valores com que os diferentes leitores entram em acordo ou desacordo acontecem no nível superficial.

3. De acordo com a leitura do texto “Um pouco de história sobre a leitura”, assinale a alternativa **correta**.
 - a) A sociedade burguesa tornou o hábito da leitura mais restrito ao restante da população.
 - b) Antigamente, não havia a necessidade de se controlar a leitura pelo seu poder subversivo.
 - c) Na Idade Média, as pessoas se reuniam em grupos para ouvir uma única pessoa ler.

- d) A prática da leitura sempre foi um hábito solitário e masculino.
- e) A leitura só chegou ao Brasil apenas no século XVIII, quando as famílias da elite brasileira passaram a abrir espaço em suas casas para a leitura e para livros.
4. Conforme os textos lidos nas duas primeiras aulas do livro, é **correto** afirmar que a leitura:
- a) nos dias de hoje, mesmo sendo um ato individual, sustenta uma característica socializante.
- b) em nossos dias, ainda possui as mesmas características da Idade Média.
- c) ainda hoje, é entendida como uma prática que serve para contar e enumerar mensagens.
- d) atualmente, apresenta-se como uma prática apenas individual.
- e) hoje em dia, apresenta-se como uma prática somente individual e subversiva.
5. Sobre a noção de texto, assinale a opção **correta**:
- a) somente mensagens com linguagem verbal podem ser consideradas texto.
- b) texto é um conjunto formado de partes que dependem umas das outras.
- c) várias frases juntas são suficientes para formar um texto.
- d) somente mensagens com linguagem verbal podem ser consideradas texto.
- e) toda palavra escrita é um texto.
6. Nos textos, a coerência e a coesão funcionam respectivamente como:
- a) elementos conectivos entre as frases de um texto e conexão lógica entre as partes do texto.
- b) ligação entre as frases de um texto e termos obrigatórios em cada parágrafo de texto.
- c) conexão lógica entre as partes de um texto e elementos de ligação entre frases no texto.
- d) união presente em todos os textos e conectivos que ligam as frases nos textos.
- e) conexão coerente entre as frases de um texto e a conexão entre as partes do texto.

7. Entendemos por **contexto** tudo aquilo que:

- a) se relaciona com o texto e a situação que o envolve.
- b) especifica quem vai ler o texto.
- c) conecta as partes de um texto.
- d) determina a função de um texto.
- e) é usado pelo autor para fazer a ligação entre as frases.

8. A intertextualidade se caracteriza pela:

- a) mudança de sentido ao relacionar um texto a outro.
- b) classificação dos textos em gêneros textuais.
- c) influência de um texto sobre outro que o toma como modelo ou ponto de partida.
- d) constatação que um texto sempre se relaciona a outro para poder ter sentido.
- e) indicação de textos para leitura.

9. Gêneros textuais podem ser definidos como:

- a) tipos de textos informativos.
- b) textos que apresentam coesão e coerência.
- c) a intertextualidade relacionada à coesão e à coerência.
- d) textos que se repetem quanto ao conteúdo, ao tipo de linguagem e à composição.
- e) tipos de textos literários.

10. São esferas de circulação de gêneros textuais, **exceto**:

- a) midiática.
- b) escolar.
- c) política.
- d) entrevista.
- e) literária.

11. Assinale a afirmativa **correta** sobre Literatura:

- a) o termo literatura se relaciona a todo texto escrito.
- b) todos os textos em prosa são literatura.
- c) literatura significa todo tipo de arte.
- d) a palavra literatura é adequada especificamente à poesia.
- e) literatura é o uso artístico da linguagem escrita.

12. A **linguagem literária** envolve todas as características que seguem, à exceção de:

- a) subjetividade.
- b) plurissignificação.
- c) verossimilhança.
- d) objetividade.
- e) ficcionalidade.

13. Na linguagem literária é a **“característica do que parece verdadeiro, que dá ao leitor a impressão da verdade do que está sendo narrado.”** Essa afirmação diz respeito à:

- a) verossimilhança.
- b) ficcionalidade.
- c) subjetividade.
- d) plurissignificação.
- e) intertextualidade.

14. A linguagem literária se manifesta de **duas formas**, são elas:

- a) romance e poesia.
- b) prosa e poesia.
- c) romance e teatro.
- d) teatro e prosa.
- e) poesia e crônica.

15. “É organizada em parágrafos e composta de frases, orações e períodos.” Essa definição se refere à forma literária:

- a) descrição.
- b) poesia.
- c) narração.
- d) subjetiva.
- e) prosa.

16. As palavras assumem valor conotativo quando utilizadas no sentido:

- a) literal.
- b) de informação.
- c) figurado.
- d) primeiro do dicionário.
- e) simples.

17. Assinale a alternativa em que a palavra destacada está no sentido **conotativo**:

- a) “O **fogo** tem feito tanto bem quanto mal à humanidade.”
- b) “As 16 viaturas dos bombeiros estão no local para controlar o **fogo**.”
- c) “Amor é **fogo** que arde sem se ver.”
- d) “Retire o chocolate do **fogo** e junte o creme de leite.”
- e) “O **fogo** é toda combustão acompanhada de desenvolvimento de luz, calor e, geralmente, de chamas.”

18. Nos textos, a plurissignificação é dada pelos sentidos _____ e _____ das palavras. Os termos que completam adequadamente essa frase são:

- a) denotativo e conotativo.
- b) intertextual e ficcional.
- c) objetivo e literal.
- d) ficcional e conotativo.
- e) denotativo e verossímil.

19. “Recursos que podem ser usados por quem fala ou escreve para tornar os textos mais expressivos.” Essa afirmação diz respeito:

- a) aos termos denotativos.
- b) à verossimilhança.
- c) à intertextualidade.
- d) às figuras de linguagem.
- e) à objetividade.

20. “O tempo é uma cadeira ao sol, e nada mais” (Carlos Drummond de Andrade). Qual a figura de linguagem empregada pelo autor nessa frase?

- a) Ironia.
- b) Metáfora.
- c) Eufemismo.
- d) Antítese.
- e) Comparação.

21. “Era uma estrela divina que ao firmamento voou.” (Álvares de Azevedo).

Qual a figura de linguagem empregada pelo autor nessa frase?

- a) Comparação.
- b) Prosopopeia.
- c) Hipérbole.
- d) Eufemismo.
- e) Metonímia.

22. “O Bento caiu como um touro

No terreiro

E o médico veio de Chevrolé

Trazendo o prognóstico

E toda a minha infância nos olhos.” (Oswald de Andrade)

Qual a figura de linguagem empregada pelo autor nesse texto?

- a) Metonímia.
- b) Metáfora.
- c) Eufemismo.
- d) Antítese.
- e) Comparação.

23. “O esforço é grande e o homem é pequeno”. (Fernando Pessoa). Qual a

figura de linguagem empregada pelo autor nessa frase?

- a) Metáfora.
- b) Comparação.
- c) Metonímia.
- d) Hipérbole.
- e) Antítese.

24. “Rios te correrão dos olhos, se chorares (...)” (Olavo Bilac). Qual a figura de linguagem empregada pelo autor nesse texto?

- a) Comparação.
- b) Prosopopeia.
- c) Hipérbole.
- d) Eufemismo.
- e) Metonímia

25. Sobre o gênero literário **lírico**, podemos **afirmar** que:

- a) é um texto para ser encenado, ou seja, para representar em um palco o conteúdo desejado.
- b) tem na sua composição os seguintes elementos básicos: narrador, enredo, personagens, tempo e espaço.
- c) é texto subjetivo, com verbos e pronomes em 1ª pessoa e que explora a musicalidade das palavras.
- d) é texto objetivo que narra ações heróicas e os grandes feitos humanos.
- e) a epopeia é um exemplo de gênero lírico.

26. São características da crônica, **exceto**:

- a) linguagem informal.
- b) ponto de vista particular de quem escreve.
- c) texto narrativo.
- d) texto longo.
- e) narra acontecimentos do dia a dia.

27. Marque a alternativa que caracteriza **corretamente** a crônica:

- a) Assim como outros textos, não é um texto narrativo.
- b) Além de ser literatura, a crônica também possui traços dos textos jornalísticos.
- c) Os autores estruturam seus textos apenas em primeira.
- d) Narra de forma longa, artística e subjetiva acontecimentos noticiados em jornais ou no dia a dia.
- e) Utiliza a linguagem formal e tem o objetivo de subverter o leitor.

28. Qual das alternativas a seguir especifica os cinco elementos básicos de um texto narrativo?

- a) Narrador, personagens, contexto, intertexto e tempo.
- b) Enredo, narrador, personagens, tempo e espaço.
- c) Intertexto, narrador, prosa, tempo e lugar.
- d) Prosa, gênero, tempo, espaço e enredo.
- e) Verossimilhança, enredo, tempo, lugar e contexto.

29. Sobre o gênero **conto** é **correto** afirmar que:

- a) O tempo e o espaço são reduzidos.
- b) É um texto narrativo longo.
- c) Apresenta muitos personagens.
- d) Não apresenta tempo e espaço.
- e) Mostra os personagens de modo superficial.

30. Com relação ao **enredo**, sua estrutura se organiza em:

- a) Narrador, conflito, clímax e espaço.
- b) Tempo, conflito, clímax e desfecho.
- c) Introdução, conflito, clímax e desfecho.
- d) Personagens, conflito, clímax e tempo.
- e) Espaço, conflito, clímax e narrador.

31. O **conflito** em um texto narrativo é a situação:

- a) que inicia a narração.
- b) que apresenta o problema e que se desenvolve na história.
- c) que termina a narrativa e divulga o nome dos vilões.
- d) de solução do conflito.
- e) de maior tensão na história, momento em que o problema atinge o seu máximo.

32. Em comparação ao romance, a **novela** se diferencia por:

- a) se parecer, em número de personagens, mais com o conto.
- b) não apresentar um personagem principal.
- c) destacar o espaço de um único lugar.
- d) não revelar o tema da narrativa.
- e) apresentar um número reduzido de personagens.

33. Todas as opções a seguir **dizem respeito** ao romance, **exceto**:

- a) Desenvolve diversos núcleos narrativos.
- b) Organizado em torno de vários núcleos centrais.
- c) A narrativa acontece em determinado lugar ou lugares.
- d) Texto narrativo longo.
- e) Apresenta sequência de tempo.

34. São recursos do **poema**, a exceção de:

- a) métrica.
- b) prosa.
- c) verso.
- d) rima.
- e) estrofe.

35. “Agrupamento de um determinado número de versos que apresentam ou não rima entre si.” Essa frase define a palavra:

- a) poesia.
- b) ritmo.
- c) verso.
- d) estrofe.
- e) rima.

36. Assinale a alternativa que define **corretamente** a palavra **rima**:

- a) Alternância de sílabas acentuadas e não acentuadas.
- b) Cada linha de um poema.
- c) Grupo de versos que são agrupados no poema.
- d) Repetição de sons iguais ou similares, em uma ou mais sílabas.
- e) Verso que possui cinco versos.

37. Todas as características a seguir se relacionam a uma **letra de música**, exceto:

- a) Texto curto.
- b) Seu público alvo são os adultos.
- c) Escrita para ser cantada.
- d) Organizada em estrofes.
- e) Constituída por versos.

38. “É um tipo de poesia improvisada e desenvolvida por cantadores, acompanhados de uma viola, que criam versos de improviso.” Essa afirmação se refere:

- a) ao repente.
- b) ao poema de três versos.
- c) à literatura de cordel.
- d) ao ritmo.
- e) à letra de música.

39. A **literatura de cordel** pode ser destacada como:

- a) Sinônimo de toda a literatura produzida no Brasil.
- b) O único tipo de texto literário escrito no nordeste do Brasil.
- c) Uma importante representação da cultura nordestina brasileira.
- d) Textos lidos somente por pessoas do nordeste.
- e) Tipo de texto sem qualidade literária.

40. Sobre a literatura de cordel é **incorreto** afirmar que:

- a) Apresenta um conteúdo coerente.
- b) Seus textos são organizados em estrofes.
- c) Os folhetos são expostos em barbantes.
- d) Seus versos são apresentados por cantadores.
- e) Suas histórias versam sobre temas variados.

41. As **histórias em quadrinhos** são identificadas por apresentar as características abaixo, à **exceção** de:

- a) Predomínio de sequência do tipo textual narrativo.
- b) Mescla linguagem verbal e linguagem visual.
- c) Cartum e charge são alguns dos formatos possíveis para os quadrinhos.
- d) A história acontece em um ou em vários quadrinhos.
- e) Texto destinado ao público jovem.

42. Marque a alternativa que expressa a diferença entre **cartum** e **charge**.

- a) O cartum se relaciona com situações comuns e é atemporal.
- b) A charge pode ser compreendida em qualquer contexto.
- c) A charge se relaciona com situações comuns e é atemporal.
- d) Não há diferença significativa entre charge e cartum.
- e) Os cartuns se relacionam com os fatos noticiados pelos jornais.

43. Leia este texto:



Figura 1 - Hagar

Fonte: <http://img146.imageshack.us/img146/4936/h240608mg6.gif> acesso em: 05/07/2011.

O texto lido pode ser classificado como:

- a) charge.
- b) tira cômica.
- c) tira seriada de aventura.
- d) tira seriada.
- e) cartum.

44. Leia este texto:



Figura 2 - Quino

Fonte: <http://www.irancartoon.com>

O texto lido pode ser classificado como:

- a) cartum.
- b) tira cômica.
- c) tira seriada de aventura.
- d) tira seriada.
- e) charge.

45. “Elementos gráficos que contém textos ou imagens, símbolos e mudam conforme o que expressam.” Essa afirmação se refere:

- a) às interjeições.
- b) aos quadrinhos.
- c) aos balões.
- d) às onomatopeias.
- e) às legendas.

46. São características da **peça de teatro**: marque a alternativa **incorreta**:

- a) A rubrica indica o figurino a ser usado pelos personagens.
- b) Apresenta diálogos e rubricas.
- c) Texto escrito para ser encenado.
- d) O narrador é quem orienta as sequência das cenas.
- e) A fala dos personagens é introduzida pelo seu nome em destaque no começo da frase.

47. A **rubrica** pode ser definida como:

- a) orientação que indica ao leitor sobre a organização da cena.
- b) orientação sobre o narrador da história.
- c) indicação para a participação da plateia na cena.
- d) a fala de cada personagem.
- e) o resumo da cena.

48. Sobre o **roteiro** de cinema podemos **afirmar** que:

- a) a linguagem usada é sempre a formal.
- b) não indica o local da cena.
- c) é um texto estruturado em versos e estrofes.
- d) funciona como um guia para quem vai dirigir a filmagem.
- e) o uso de rubricas é opcional.

49. São elementos a serem observados no momento da **compreensão de texto**, à **exceção** de:

- a) finalidade do gênero.
- b) interlocutores.
- c) linguagem.
- d) tema.
- e) autenticidade.

50. Quando analisamos o **suporte** de um texto, isso quer dizer que observamos:

- a) a qualidade do texto.
- b) o assunto do texto.
- c) o local onde o texto foi veiculado.
- d) a finalidade do texto.
- e) quem escreve o texto.

Currículo do professor-autor

Regiane Pinheiro Dionisio Porrua

Licenciada em Letras Português-Espanhol pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras (FACEL) e pós-graduada em Ensino e Cultura de Língua Estrangeira pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora de Língua Espanhola e roteirista da TV Paulo Freire da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED). Professora conteudista, Web e conferencista de Língua Portuguesa na educação a distância do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

